

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO

Valéria Bueno de Castro Ramos

**JOGOS E BRINCADEIRAS POPULARES: LIMITES E POSSIBILIDADES DE  
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DA MEMÓRIA LÚDICA DOS  
MORADORES DO MUNICÍPIO DE HIDROLÂNDIA NA DÉCADA DE 1980**

Inhumas  
2013

Valéria Bueno de Castro Ramos

**JOGOS E BRINCADEIRAS POPULARES: LIMITES E POSSIBILIDADES DE  
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DA MEMÓRIA LÚDICA DOS  
MORADORES DO MUNICÍPIO DE HIDROLÂNDIA NA DÉCADA DE 1980**

Monografia apresentada à  
Faculdade de Educação Física da  
Universidade Federal de Goiás como  
requisito para finalização do curso  
de licenciatura em Educação Física  
Orientador: Prof. Ms. Reigler  
Siqueira Pedroza

Inhumas

2013

Valéria Bueno de Castro Ramos

**JOGOS E BRINCADEIRAS POPULARES: LIMITES E POSSIBILIDADES DE  
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DA MEMÓRIA LÚDICA DOS  
MORADORES DO MUNICÍPIO DE HIDROLÂNDIA NA DÉCADA DE 1980**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, 13 de Dezembro de 2013.

---

Prof. Dr.

Orientador (a)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todas as crianças do passado e do presente, que elas possam continuar jogando e brincando nas ruas de Hidrolândia a fim de perpetuar nossa cultura, mesmo em tempos de tanta tecnologia.

## AGRADECIMENTOS

A meu marido Leonardo que muito cooperou para o término desse trabalho, em especial meus filhos Ágatha e Arthur que me ajudaram desde o incentivo para continuar as intervenções até não me incomodarem na hora de escrever, mesmo tendo acabado a comida do armário.

À minha família: mãe, pai, irmãos, primos e vizinhos que considero como irmãos; por me incentivarem a fazer essa pesquisa bem como participarem dela efetivamente.

A meu professor orientador Reigler que sem saber possibilitou o meu interesse por esse tema num momento de indecisão, e por seu empenho e palavras de incentivo na construção desse trabalho.

Às crianças e os adultos que participaram da etapa inicial e da intervenção.

## RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa que teve por objetivo identificar os jogos e brincadeiras populares no município de Hidrolândia/GO, bem como os limites e possibilidades de uma intervenção pedagógica a partir de relatos de moradores da cidade de Hidrolândia, durante sua infância na década de 1980. A partir dessa problemática pudemos verificar a importância dos jogos e brincadeiras na infância das crianças, bem como, perceber de que forma a Educação Física auxilia neste processo. Para atingir estes objetivos e atender a problemática levantada, utilizamos a pesquisa-ação como método de pesquisa, possibilitando construir de forma colaborativa propostas para a formulação de práticas pedagógicas que tematize, junto à comunidade local, formas de transmissão da tradição cultural corporal de jogos e brincadeiras populares como constitutivos da formação humana. A partir da análise das entrevistas dos adultos, da observação participante e do questionário aplicado às crianças das ruas onde se concentrou essa pesquisa, pudemos perceber o abandono da cultura corporal dos jogos e brincadeiras do passado. O aumento do trânsito, da violência e o desinteresse das crianças por causa da tecnologia de hoje foram desmistificados com as intervenções que foram realizadas com a participação de todos. Então, percebemos que crianças e adultos podem, numa ação conjunta, aliar a tecnologia de hoje aos jogos e brincadeiras da década de 1980, numa tentativa de interação entre as gerações e com isso valorizar a cultura popular mesmo com as novidades da vida atual.

**Palavras-chaves:** Educação, Educação Física, Cultura Corporal Jogos e Brincadeiras.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I: O JOGO, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO CORPORAL DA CRIANÇA.....</b>	<b>11</b>
1.1 EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA, CULTURA CORPORAL E INFÂNCIA.....	11
1.2 JOGOS, BRINQUEDO E BRINCADEIRA: A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO SIMBÓLICA DA CRIANÇA. ....	17
<b>1.2.1 Jogo .....</b>	<b>17</b>
<b>1.2.2 Brinquedo .....</b>	<b>20</b>
<b>1.2.3 Brincadeira .....</b>	<b>23</b>
1.3 A DINAMICIDADE DA CULTURA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DOS JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE. ....	26
<b>CAPÍTULO II: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 O MÉTODO DE PESQUISA. ....</b>	<b>31</b>
<b>2.1.1 O lócus de realização da pesquisa.....</b>	<b>34</b>
2.2 A ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	37
<b>2.2.1 A observação Participante.....</b>	<b>37</b>
<b>2.2.2 A entrevista semiestruturada. ....</b>	<b>40</b>
<b>2.2.3 O questionário aberto.....</b>	<b>46</b>
2.3 CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA. ....	49
<b>2.3.1 A educação no processo de transmissão cultural: os jogos, os brinquedos e as brincadeiras de rua na cidade de Hidrolândia/GO....</b>	<b>49</b>
<b>2.3.2 Conflito de gerações e tradição: planejamento, execução e análise de uma proposta de intervenção pedagógica tematizando os jogos e brincadeiras populares.....</b>	<b>53</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>73</b>
ANEXO A.....	74
ANEXO B.....	80
ANEXO C.....	104
ANEXO D.....	107
ANEXO E.....	119

## INTRODUÇÃO

Assim como muitos pais e mães de hoje em dia, sempre me incomodava ver crianças (filhos, sobrinhos e vizinhos) enfiadas em casa; ligados à TV, ao videogame, aos celulares e principalmente ao computador. Uma imensidão de espaço e brincadeiras lá fora e as crianças paradas dentro de casa, muitas vezes num espaço menor ainda, seus quartos.

Em conversas com amigos e familiares a discussão sempre vinha a tona. O que fazer pra que as crianças não ficassem tão “bestializadas” na frente dos jogos eletrônicos? Junto a essa pergunta vinha sempre outra, porque eles não brincam na rua como nós fazíamos na nossa infância? Contudo essas insatisfações e indagações ficavam na roda de amigos.

Quando a necessidade de se fazer um Trabalho de Conclusão de Curso se aproximou, as dúvidas vieram. Que tema pesquisar? O que fazer para integrar à Educação Física e à História, outro foco de interesse? Como fazer algo que fosse prazeroso e ao mesmo tempo útil? Numa discussão com possíveis orientadores e alunos, a ideia de integrar a Educação Física e a Cultura Popular dos Jogos e Brincadeiras foi sendo vislumbrada e os encontros com o orientador foram sendo esboçadas.

Nessa perspectiva surgiu a possibilidade de pesquisar sobre os jogos e brincadeiras populares do município de Hidrolândia a partir da memória lúdica de alguns de seus moradores da década de 1980. Contudo mais do que conhecer esses jogos e brincadeiras queríamos fazer com que os mesmos pudessem voltar a fazer parte da infância das crianças de hoje e por isso esse trabalho buscou uma possibilidade de intervenção pedagógica.

Sabemos que a escola é o espaço onde o conhecimento pode ser sistematizado e organizado de forma a elevar o pensamento dos educandos, contudo concordamos com Brandão (1995) quando este diz que a educação faz parte da cultura de um povo e que, portanto, pode ser aprendida em qualquer espaço. Foi nesse sentido que buscamos analisar a possibilidade de educação por meio de atividades fora da escola, no nosso caso

especificamente em duas ruas, antes muito utilizadas para jogos e brincadeiras, na cidade de Hidrolândia. Como disse no início, a escolha do tema veio de um fator pessoal, por isso a escolha pela cidade de Hidrolândia; minha cidade natal e onde passo praticamente todos os meus finais de semana, já que lá se encontra toda minha família.

A partir de um estudo bibliográfico alguns autores nos guiaram por esse caminho de jogos, brinquedos e brincadeiras. Brandão (2005), Coletivo de Autores (1992), Vieira (2007) e outros nos ajudaram a entender os conceitos de Educação, Educação Física, Cultura Corporal e infância, descritos no capítulo 1 desse trabalho.

Os conceitos de jogo, brinquedo e brincadeira foram explicitados ainda no capítulo 1, mas no tópico 1.2 em consonância com os seguintes autores, Elkonin (1999), Huizinga (1990), Kishimoto (1997), Vygotsky (1989) e Carvalho (1990) que com seu texto “o Jogo de bolinhas: uma simbólica da masculinidade” nos inspirou a escrever um texto que não seguisse a linha fechada da pesquisa positivista tradicional. Com sua pesquisa pudemos perceber que a cultura de um povo, é capaz de educar para o futuro, podendo esta atividade cultural estar ligada aos idosos, aos adultos e até mesmo as crianças.

O tópico 1.3 buscou descrever em linhas gerais a importância da cultura corporal dos jogos e brincadeiras na educação das crianças; nessa área Piccolo (1992) e Sadi (2010) foram nossos guias.

Como dissemos, esse trabalho não se baseou apenas em uma pesquisa bibliográfica, mas em uma pesquisa-ação que pudesse junto com a comunidade local encontrar os problemas e as possíveis soluções; nesse sentido Thiollent (1985) e Trivinos (2008) nos ajudaram, no segundo capítulo, a entendê-la e colocá-la em prática. Esse método é definido por Thiollent (1985, p. 14):

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A questão empírica, portanto, foi inicialmente a norteadora da pesquisa e o problema das crianças não brincarem mais nas ruas, foi o que buscamos constatar e corrigir (sabemos que com esse trabalho não poderíamos mudar o mundo e nem mesmo a cidade de Hidrolândia, mas queríamos ao menos dar uma nova motivação aos adultos e as crianças que participaram da pesquisa). Assim nos demais tópicos do capítulo 2, buscamos através de entrevistas com os adultos, conhecer os jogos e brincadeiras de sua infância bem como o local onde as mesmas eram praticadas. Através da observação participante pudemos conhecer e confrontar o que os adultos disseram nas entrevistas e, com o questionário feito com as crianças, constatar que as mesmas não brincam na rua, por diversos motivos ligados mais a seus pais do que a sua própria vontade.

Feita toda a parte conceitual e pesquisa *in loco*, partimos no tópico 2.3 para a construção de uma proposta de intervenção pedagógica que pudesse colocar em prática os jogos e brincadeiras do passado com a ajuda e participação dos maiores interessados, as crianças e os adultos das ruas analisadas. Os contratempos e dificuldades foram superados pelo sucesso que tivemos nessa etapa e após ela, já que as crianças ainda estão brincando nas ruas.

## **CAPÍTULO I: O JOGO, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO CORPORAL DA CRIANÇA.**

### **1.1 EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA, CULTURA CORPORAL E INFÂNCIA.**

O ponto de partida para o debate teórico deste trabalho refere-se a importância do jogo e da brincadeira para a formação humana, tanto no campo histórico quanto cultural para a formação da criança. Portanto faz-se necessário entendermos alguns conceitos que poderão nos ajudar a perceber essa interação que de tão sutil, passa despercebido ao olhar do adulto na hora de se pensar na educação da infância.

Dessa forma um primeiro conceito que precisamos elucidar é o de educação. Onde se educa? Como se educa? Quando se educa? Quem educa? A partir de nosso momento histórico, as respostas seriam respectivamente: na escola, com métodos, num horário específico e pelo professor. No entanto será que só a Escola educa? Buscamos em Brandão (2005, p.10) uma resposta ou uma orientação a respeito dessa questão; para ele a educação é “uma aventura humana” onde a “criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa”, ou seja, a educação pode ocorrer em diversos ambientes comunitários, assim:

São também situações de aprendizagem aquelas em que as pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados: na turma de caçada, no barco de pesca, no canto da cozinha da palhoça, na lavoura familiar ou comunitária de mandioca, nos grupos de brincadeiras de meninos e meninas, nas cerimônias religiosas (BRANDÃO, 2005, p. 10).

Percebemos então que não é só a escola que educa, mas também toda interação social do indivíduo “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela” (BRANDÃO, 2005, p. 07). Para dividir essa “educação” ou facilitar o entendimento da mesma, Brandão descreve duas formas de Educação: a Formal e a Informal.

O ensino formal surge quando “a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação), cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor” (BRANDÃO, 2005, p. 26). Portanto a Educação Formal é a que todos nós conhecemos e que somos cada vez mais obrigados a cumprir pela organização social vigente, reafirmado pelo código de leis do nosso país<sup>1</sup>.

Já a educação informal está ligada às relações humanas em seu cotidiano, quando vamos à Igreja, à praça, à rua ou mesmo quando estamos em casa e repreendemos nossos filhos por intermédio de uma normativa ou convenção social do grupo ao qual pertencemos. Para a autora, Sinson (2007, p.14) a educação fora dos meios formais pode ser apenas chamada de educação não formal e assim a descreve:

por poder lidar com outra lógica espaço-temporal, por não necessitar se submeter a um currículo definido a priori (ou seja, com conteúdos, temas e habilidades a ser desenvolvidos e planejados anteriormente), por dar espaço para receber temas, assuntos, variedades que interessem ou sejam válidos para um público específico naquele determinado momento e que esteja participando de propostas, programas ou projetos nesse campo, faz com que cada trabalho e experimentação sejam únicos. E, por envolver profissionais e frequentadores que podem exercitar e experimentar um outro papel social que não o representado na escola formal (como professores e alunos), contribui com uma nova maneira de lidar com o cotidiano, com os saberes, com a natureza e com a coletividade. (SINSON, 2007, p.14)

Neste trabalho o que mais nos interessa é o aprendizado a partir das “brincadeiras de meninos e meninas”, principalmente, na transmissão cultural que ocorre através dos jogos e brincadeiras populares. Entendemos então que a Educação é algo que pode ser aprendido fora das escolas e que os jogos e brincadeiras, neste sentido, possuem um papel preponderante na educação da infância, o que nos lança a seguinte questão: como garantir que o acervo

---

<sup>1</sup> Na própria lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, também chamada LDB – Lei de Diretrizes Bases Da Educação no Artigo 1º - § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social, percebemos como a educação deve funcionar atrelada a formação para o trabalho. Disponíveis em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acesso em: 13 dez. 2013 (por exemplo)

cultural desta prática corporal, portanto, seus conhecimentos históricos, possam ser transmitidos às novas gerações pelas práticas pedagógicas da Educação Física?

Na obra Coletivo de Autores (1992) vimos que a necessidade na modernidade para educar o homem para um “corpo saudável, ágil, e disciplinado” advém da revolução industrial e daí surge uma nova concepção de sociedade que se organiza pelo sistema capitalista. Cuidados físicos com o corpo passaram a ser de interesse do Estado, pois ações pedagógicas como a Educação Física poderiam higienizar e adestrar o corpo para os interesses econômicos da exploração da mão-de-obra. Assim, a Educação Física surge a partir dos métodos ginásticos Francês, Alemão e Sueco produzidos no século XIX. O respeito à Educação Física cresce com o surgimento do método ginástico que faz com que:

a educação física ministrada na escola começou a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, fortalecidos pelo exercício físico, que em si gera saúde, estariam mais aptos para contribuir com a grandeza da indústria nascente, dos exercícios, assim como com a prosperidade da pátria (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 32)

Dos métodos ginásticos à política higienista, agora os médicos higienistas entram em cena com seus conhecimentos de ordem biológica, para desenvolver a “aptidão física dos indivíduos”. Na escola ninguém melhor que um instrutor do exército para “ensinar” os métodos militares de disciplina e hierarquia para a obtenção da tão esperada aptidão física. No Brasil esse método ganha força em 1939 quando é criada a primeira escola civil de formação de professores de Educação Física e possui ressonância e resquícios pedagógicos até a atualidade.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, o Brasil importa outros métodos de educação corporal, desta vez, o Método Natural Austríaco de Gaulhofer e Streicher e o Método da Educação Física Desportiva Generalizada que privilegia o esporte no sistema escolar. Como afirma o Coletivo de Autores (1992, p.37) é o “esporte na escola” e daí saiu o instrutor/recruta para o treinador/atleta na escola. Essa característica pode ser visualizada na

educação tecnicista que teremos no Brasil após o golpe militar de 1964 e que perdura até meados da década de 1980 de forma hegemônica, tendo por premissa de que a Educação Física seria a base da pirâmide esportiva do alto rendimento...

Após o período mais duro da repressão do período militar, nas décadas de 1970/1980 teremos uma fase chamada de movimento renovador da Educação Física que, de forma crítica, buscará ampliar o olhar sobre a função social da Educação Física. Esta concepção teórica irá ressignificar o conceito da Educação Física e sua atuação pedagógica no trato com as práticas corporais, comprometida com uma educação libertária para a classe trabalhadora. Superando o paradigma da aptidão física que limitava e servia aos interesses da burguesia para a continuidade da exploração de classe.

Esta perspectiva, ou concepção de Educação Física, se orienta pelas tendências críticas no campo da educação, e dentre seus intelectuais, podemos citar os mais influentes: Saviani, Freire e Libâneo. A partir disto, intelectuais da Educação Física, influenciados por essas tendências pedagógicas, irão construir novas perspectivas para o trabalho pedagógico para a Educação Física.

Concordamos com o Coletivo de Autores (1992, p.61) quando dizem que a Educação Física é uma disciplina que “trata pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal (...) o estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem”. Assim chegamos a uma possível resposta as nossas perguntas, os jogos e brincadeiras podem ser ensinados na escola? Servem como conteúdo para o saber formal?

Se levarmos em conta que a Educação Física é uma disciplina escolar e que seu principal foco de atuação é a cultura corporal, então temos que o jogo, o esporte, a ginástica, a dança e os jogos e brincadeiras, sendo constituintes das atividades corporais ligadas à cultura de um povo, devem sim ser ensinados na escola. Os jogos e brincadeiras, em especial precisam ser ensinados na escola até mesmo para evitar que se perca caso os mais velhos não os estejam repassando.

Para nos elucidar melhor sobre a importância da mediação dos adultos, professores ou não, temos em Vygotsky uma boa explicação “o jogo desenvolve características (comportamentais, atitudinais e conceituais) independentes da idade cronológica, basta que a criança tenha a orientação e o direcionamento de pessoas adultas e a interação com outras crianças” (VYGOTSKY, apud SOUZA, 2012, p.35). Portanto, o desenvolvimento da criança se dá quando esta estabelece relações sociais com outras crianças, com a sociedade e com o seu professor. Todos esses são, em determinados momentos, mediadores do processo de ensino aprendizagem.

Até agora, buscamos conceituar o que é Educação, Educação Física e cultura corporal, mas a quem se destina esses conceitos nessa pesquisa é o que nos falta elucidar. Cabe-nos agora relacionar estes conceitos com o mundo da infância.

A concepção de infância é histórica, ou seja, muda conforme a época em que vivemos, e isso fica bem claro na concepção de Elkonin (1999, p.81) quando este diz que “os períodos do desenvolvimento infantil têm, ao que tudo indica, sua história; os processos do desenvolvimento psíquico que se operam em certos períodos da infância aparecerão e mudarão na história”. Para entendermos como funciona a infância no Brasil hoje, faz-se necessário então, uma pequena descrição histórica desse conceito. A infância compreende, na modernidade, ao período do nascimento de uma criança até quando esta atinge a puberdade a partir dos 12 anos de idade. Estas definições de infância se alteram e vem se alterando ao longo da história. Oliveira (2005, p.4) nos descreve, a partir de seus estudos em Ariès, que na Idade Média a,

criança nos seus primeiros anos de vida era tratada como um objeto querido, um bichinho de estimação, uma “coisinha engraçadinha”. Assim que passasse dessa fase, era logo misturada aos demais membros da família, participando de todas as atividades e tratada como um adulto em miniatura.

Esse curto período de tempo que a criança passava na Idade Média era chamado de “paparicação” e não existia alguma referência à instrução. Só na Idade Moderna com o advento de uma sociedade voltada para o modo de produção capitalista é que a criança passou a ser vista como alguém que

deveria continuar o trabalho, o nome, e os bens da família, a partir daí os adultos – pais veem a necessidade de educá-la.

A família de posses passou a preocupar-se com a instrução de seus filhos para que viessem ocupar seu lugar na herança do patrimônio familiar. Isso configurou o surgimento de um outro tipo de sentimento para com a infância: a “moralização”. A criança nesse contexto passou a ser vista como um ser imperfeito e incompleto, necessitando assim ser moralizada através da educação feita pelo adulto (KRAMER, 1995, apud OLIVEIRA 2005, p.05).

Portanto, quando dizemos que a infância é um conceito histórico queremos afirmar que este é mutável, pois varia de sociedade pra sociedade e de época pra época. Concordamos com Silva (2000) e Oliveira (2005, p.05) quando estes “destacam que no contexto da infância brasileira a paparicação e a moralização são sentimentos presentes e articulados, independente da classe social, gênero e raça”. Hoje no Brasil a criança vive os dois sentimentos em qualquer classe social e isto tem se ampliado ao longo da história.

A Educação Física se insere nesse tema quando, ao trabalhar com as crianças na escola ou em qualquer outro espaço, se presta ao papel de moralização, ou melhor dizendo, de educação. Acreditamos, porém que o reducionismo do pensamento reinante hoje na Educação Física faz com que os professores se achem como os formadores/moldadores de crianças para uma vida adulta, sem levar em conta o que esta já traz como conhecimento cultural de casa/rua. Concordamos com Torres e Antônio (1997, apud OLIVEIRA 2005, p. 104) quando estes apontam que a criança é um ser histórico-social e que traz consigo muito a ensinar além de aprender e ressignificar, assim:

necessário se faz o compartilhar de uma outra visão de ser humano, de educação, de sociedade e de infância, oposta à idealista. É necessário que a Educação Física contribua para a ampliação da leitura de mundo das crianças, tomando a brincadeira infantil como eixo norteador da proposta na perspectiva histórico-cultural.

Nesse aspecto, os autores citam algo que realmente nos interessa em particular nesse trabalho, “a brincadeira infantil como eixo norteador da proposta na perspectiva histórico-cultural”. Confirmamos aqui mais uma vez a importância da utilização das brincadeiras infantis como conteúdo da Educação Física, pois sendo uma expressão da cultura corporal, é constitutivo da

formação da criança; não queremos, no entanto, dizer aqui que a rua eduque mais que a escola, mas que a rua também educa junto com a escola; e a Educação Física pode tematizar esta problemática. Para tanto, nossa próxima jornada se dará no campo da conceituação destes jogos e brincadeiras infantis ou, mais precisamente, sobre o que é o jogo, o brinquedo e a brincadeira na formação da infância.

## **1.2 JOGOS, BRINQUEDO E BRINCADEIRA: A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO SIMBÓLICA DA CRIANÇA.**

Esses três nomes ou termos podem, para muitos, serem considerados como sinônimos, entretanto utilizaremos uma bibliografia que aponta algumas diferenciações importantes. Por outro lado, também veremos algumas aproximações, que dependem da perspectiva social e da concepção de infância valorada.

Podemos dizer que Jogo, Brinquedo e Brincadeira são histórico-sociais, mas não podemos precisar exatamente quando esses termos ou essas atividades surgiram no decorrer do desenvolvimento da humanidade, principalmente porque devemos considerar que cada povo desenvolveu-se a partir de necessidades culturais distintas, com características que os difere, dentre vários aspectos, na vivência lúdica da infância.

### **1.2.1 Jogo**

“No verdadeiro jogo é preciso que o homem jogue como uma criança”  
(HUIZINGA, 1990, p.15).

Essa frase de abertura nos dá uma visão de como entendemos ser importante para a vida do adulto e da criança, a questão do jogo. A criança joga no seu sentido literal, mas o adulto só jogará quando deixar-se libertar das armadilhas do que concerne ser a “dita” vida adulta. Para isso, deve brincar porque gosta de brincar, livremente e com autonomia, pois o jogo é uma “atividade voluntária” realizada num tempo livre de forma totalmente

despretensiosa. Na acepção de convívio social moderno, apenas às crianças têm se limitado a esta atividade, os adultos, absorvidos pelo trabalho assalariado e a competição do dia-a-dia, abandonam a ludicidade dos jogos e quando “brincam”, na verdade, competem nos jogos esportivos.

Neste trabalho a proposta é definitivamente marcada pela valorização dos efeitos positivos que os jogos podem gerar na formação das crianças, por isso, acreditamos que o jogo é muito mais que uma atividade física com efeitos positivos ao nosso sistema biológico. Já que acreditamos que ter este uma capacidade de transmissão e interação sociocultural na comunidade em que é praticado.

Assim, estamos em consonância com Huizinga quando este descreve que o jogo é um fenômeno cultural uma “ação significativa (...) que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido a ação. Todo jogo significa alguma coisa”. Para defini-lo o autor descreve suas características; o jogo é:

Uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior a vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes (HUIZINGA, 1999, p. 16).

Também em Kishimoto (1997) encontramos o papel cultural do jogo ou em suas palavras um “fato social” já que cada sociedade lhe dá em determinado lugar e época um sentido próprio. No livro *Jogo, Brinquedo e Brincadeira e a Educação*, Kishimoto nos apresenta vários autores com perspectivas para a definição do jogo, a saber: Fromberg, Christie, Brougère, Mead, Henriot e o próprio Huizinga. A tentativa de síntese da autora elenca alguns elementos comuns entre essa grande gama de definições a respeito do jogo. Assim temos que o jogo é/tem:

- 1- liberdade de ação do jogador ou o caráter voluntário, de motivação interna e episódica da ação lúdica; prazer (ou desprazer), futilidade, o “não-sério” ou o efeito positivo
- 2- regras (implícitas ou explícitas)
- 3- relevância no processo de brincar (o caráter improdutivo), incerteza de resultados;
- 4- não linearidade, reflexão de segundo grau, representação da realidade, imaginação e
- 5- contextualização no tempo e no espaço.

O jogo, portanto, é histórico, social e cultural, mas será que pode servir como meio de educação? Assim como as regras que podem ser implícitas e explícitas o caráter educativo do jogo também pode ser; com o jogo as crianças “integram-se no mundo dos adultos mediante a atividade lúdica que reflete a vida da sociedade” (ELKONIN, 2009, p.50).

Não se deve perder nunca o caráter lúdico do jogo, ou seja, a liberdade das crianças de querer ou não brincar, mas percebemos que os adultos podem, e em alguns aspectos até devem, intervir nessa cultura corporal, pois “não sendo o jogo aspecto dominante da infância, ele deve ser entendido como “fator de desenvolvimento” por estimular a criança no exercício do pensamento, que pode desvincular-se das situações reais e levá-la a agir independentemente do que ela vê” (COLETIVO DE AUTORES, 1999, p.65).

Segundo Kishimoto (1997), quando o adulto tem a clara intenção de usar da ludicidade como meio para a aprendizagem dizemos que há no jogo uma “dimensão educativa” e desde que se mantenham as premissas do jogo como, por exemplo, a intensão da criança em jogar ou não, o educador pode sim se utilizar deste meio.

Sendo assim, em nosso caso específico de valorização dos jogos, brinquedos e brincadeiras na cidade de Hidrolândia, temos amparo nas considerações do Coletivo de Autores (1999, p.66) quando estes descrevem ser importante na Educação Física a escolha de conteúdos que visem a aprendizagem a partir da memória lúdica da comunidade em que o aluno vive,

bem como propiciar-lhes um conhecimento mais abrangente de jogos de outras regiões do Brasil e até de outros países.

Quando o adulto ensina essas brincadeiras a seus filhos, “a memória viva dessa experiência formativa pode regressar através do sentimento nostálgico que, unindo um subjetivo “estado de infância” à observação empírica e racional, desperta a intuição analítica e filosófica” (CARVALHO, 1990 p. 221). Portanto, o jogo como atividade educativa será um constante relembrar e reviver do passado do adulto; sempre contemplando sua infância e reconhecendo e incorporando valores e aspirações da sociedade atual.

### **1.2.2 Brinquedo**

“Brinquedo é... brinquedo, um objeto inanimado que serve pra gente de se divertir, Uai.” (Criança 10, Apêndice C, p.92).

Quem melhor que uma criança para nos dar uma definição de brinquedo. Mas de onde vem o brinquedo? Quando surgiu? Porque surgiu? Essas questões dependem de mais pesquisas do que uma simples pergunta a uma criança de 09 anos. Para nos ajudar a respondê-las vamos nos deter aos trabalhos de Elkonin (1999) e Kishimoto (1997).

Elkonin, baseado nos estudos de Arkin, descreve sobre a origem histórica do brinquedo. Estudos arqueológicos encontram brinquedos, frequentemente junto a estudos de civilizações antigas. Entretanto é de se espantar a incrível semelhança que esses brinquedos têm com os de hoje, em alguns casos, como eles são idênticos aos de hoje. “Nas coleções reunidas por arqueólogos e conservadas nos museus não há um brinquedo que não tenha uma réplica num quarto de criança nos dias de hoje” (ARKIN, apud, ELKONIN, 1999, p. 40).

O que faz o brinquedo ser atemporal? Para Elkonin (1999) a resposta está no seu possuidor, o brinquedo está para a criança assim como a criança está para o brinquedo, numa simples questão de lógica, a história do brinquedo é a história da criança na sociedade.

Assim, a evolução humana, a partir de suas transformações na natureza, tomando por referência o trabalho, criou as condições para o surgimento do brinquedo, pois estes no início nada mais são do que “ferramentas de tamanho reduzido, adaptadas ao crescimento dos jovens, e lhes são entregues para que se exercitem e aprendam seu manejo, orientado pelos adultos” (ELKONIN, 1999, p.64). Com o tempo e a mudança nas relações de trabalho, principalmente, na sua complexidade após a revolução industrial, os brinquedos/ferramentas continuaram em suas representações, mas estes representam apenas isto? Na atualidade a etapa de construção dos brinquedos tem sido substituída pelo industrializado, tendo a criança que imaginar o processo e não mais fazê-lo, assim surge o brinquedo como conhecemos hoje um “objeto que só representa a ferramenta de trabalho e os equipamentos ou utensílios da vida dos adultos” (Ibid., p.77).

Se o brinquedo acompanha a evolução humana quanto a suas relações sociais então podemos dizer que o brinquedo também é de origem histórico-social, mas o que agora nos interessa é saber de seu poder educador ou não. Será que o brinquedo só serve pra diversão, como nos disse a criança 10 (Apêndice C, p.92.), ou para aprender manusear as ferramentas futuras do trabalho como nos aponta Elkonin (1999)? Vygotsky (1989) nos guiará por essa questão.

Vygotsky (1989) construiu sua teoria baseado no desenvolvimento do indivíduo como resultante de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. Portanto, sua teoria foi chamada de histórico-social. Para ele a “aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, portanto, mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança” (VYGOTSKY, 1989, p.56-57). Assim, temos que a aquisição do conhecimento se dá pela interação do sujeito com o meio, por isso, a importância da cultura e,

principalmente, da valorização do conhecimento prévio do aluno antes mesmo de chegar à escola. Mas o que isso tem a ver com o brinquedo? Para Vygotsky (1989) o brinquedo se integra a essa rede intrínseca de interação cultural capaz de propiciar o desenvolvimento, mas antes, precisamos passar por um de seus principais conceitos: Zona de Desenvolvimento Proximal.

Vygotsky (1989) descreve os níveis pelo qual a criança passa em seu crescimento, nestes há ações que ela consegue realizar sozinha, mas há outras que não, contudo ela poderá aprender principalmente se tiver ajuda de um indivíduo mais experiente que ela, sendo ele um adulto ou mesmo uma criança mais velha.

zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Ibid., p.58).

Portanto, a Zona de Desenvolvimento Proximal é o processo pelo qual a criança adquire conhecimento através de mediação de outrem, com a utilização ou não de suportes/objetos, no caso o brinquedo. O brinquedo para Vygotsky (1989) é um motor para que o aprendizado ocorra, mas com suas palavras poderemos perceber sua verdadeira importância:

O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. Apesar da relação brinquedo-desenvolvimento poder ser comparada à relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas - tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança (Ibid., p.69).

De forma sintética, o brinquedo é a representação da realidade através de objetos que, se bem empregados pelos adultos, poderá servir ao propósito de educar de uma maneira prazerosa, ou seja, lúdica. “(...) o brinquedo propõe um mundo imaginário da criança e do adulto, criador do objeto lúdico” (KISHIMOTO, 1997, p.19).

### 1.2.3 Brincadeira

Agora, sim, chegamos numa conceituação difícil, pois apesar de didaticamente buscar separar estas definições que estão relacionadas e imbricadas, esta última talvez seja a que mais esteja relacionada com as outras. Muitos autores nem diferenciam brincadeira de jogo. O que é jogo e o que é brincadeira no senso comum é muito confuso já que rotineiro ouvimos num jogo que as crianças estão brincando e numa brincadeira que elas estão jogando. Para tentar esclarecer um pouco mais essa questão, buscaremos agora descrever algumas definições de brincadeira de acordo com a bibliografia analisada.

Souza (2012, p. 43) descreve a brincadeira “como uma atividade livre e espontânea que não pode ser delimitada, que não possui nem tempo nem espaço pré-determinado e, ainda pode-se dizer que possui um fim em si mesma”.

Debortoli (Apud, SOUZA, p.43) considera a brincadeira como: “fenômeno cultural, identidade inalienável do humano, expressão da condição humana: cultural, histórica, ética, estética e política”.

Cordazzo e Vieira (2007, Apud, SOUZA, 2012, p.43-44). Diferencia jogo e brincadeira nas concepções de:

Brougère e Wajskop (1997), a brincadeira é simbólica e o jogo é funcional, ou seja, enquanto a brincadeira tem a característica de ser livre e ter um fim em si mesmo, o jogo inclui a presença de um objetivo final a ser alcançado, a vitória. Esse objetivo final pressupõe o aparecimento de regras pré-estabelecidas. Estas regras geralmente já chegam prontas às

mãos da criança. As regras dos jogos têm relação íntima com as regras sociais, morais e culturais existentes.

No artigo 31 da convenção dos direitos da Criança de 1989 (CG, 1989, p. 5 parágrafo 14c) em que o Brasil se fez signatário considerou sobre o brincar das crianças como sendo:

um comportamento, atividade ou processo iniciado, controlado e estruturado pelas próprias crianças e acontece sempre e onde quer que as oportunidades apareçam. Brincar por si mesmo é não compulsório, conduzido por motivação intrínseca e desenvolvido por seu próprio interesse, mais do que um fim em si mesmo<sup>2</sup>.

Para tanto, vemos que o conceito de brincadeira é bem amplo e facilmente confundível para quem brinca/joga, joga/brinca. Entretanto para o olhar mais atento do pesquisador este tem algumas características que nos possibilita traçar algumas diferenças, apesar das aproximações. Características como liberdade, espontaneidade e ludicidade são aspectos que diferenciam a brincadeira das características dos jogos. Em ambos, as expressões corporais advindas da cultura e da história da comunidade estão presentes e carregadas de símbolos. Contudo brincar é transformar a realidade de forma lúdica, e essa é a dimensão que lhe da identidade.

De forma sintética Kishimoto (2001) definiu os três termos aqui estudados:

- Brinquedo: contém referências da infância do adulto, revividos de memória e imaginação; é especificamente a dimensão material, cultural e técnica que nos lembra imediatamente à criança. É o objeto da brincadeira.
- Brincadeira: É a ação da criança ao mergulhar-se nas regras do jogo de forma livre e lúdica; “é o lúdico em ação”. Relaciona-se com o brinquedo e é o jogo livre das imposições de regras sistematizadas.
- Jogo: é sistematizado em regras pré-estabelecidas (implícitas ou explícitas), significados distintos em relação ao lugar ou a época analisada, o jogo pode não ser prazeroso, pois busca em si um objetivo.

---

<sup>2</sup> Artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança: O desenvolvimento infantil e o direito de brincar. <http://brinquedoteca.net.br/wp-content/uploads/2013/04/DireitodaCrianca.pdf>

Para esse trabalho faz-se necessário buscarmos uma definição um pouco mais específica de brincadeira já que temos como foco as brincadeiras tradicionais. Nesse tipo de brincadeira o que mais nos chama atenção é o seu caráter oral e atemporal, pois percebemos que cada sociedade brinca às vezes a mesma brincadeira, mas com nomes diferentes e algumas modificações de regras, no entanto, em sua estrutura são as mesmas brincadeiras. Num levantamento que realizamos nos artigos científicos que fazem referência a estas brincadeiras, percebe-se esta peculiaridade. Um exemplo disto, é a baliza que tem vários nomes como: três marias, jogo das pedrinhas, nente, belisca, capitão, liso, xibiu e epotatá (em tupi, quer dizer “mão na pedra”), jogo do osso, onente, bato, arriós, telhos, chocos e nécara.

Para (KISHIMOTO, 2001) a brincadeira tradicional infantil é parte da cultura popular e guarda em si a cultura de um povo em certo período histórico, ela está intimamente ligada ao folclore. Por isso, à oralidade dos mais velhos. Suas principais características são o anonimato, a tradicionalidade, a transmissão oral, a conservação, a mudança e a universalidade de suas práticas. Ninguém conhece a origem dessas brincadeiras, mas sabe-se que são muito antigas, então o que as fez resistir por tanto tempo só pode ter sido a transmissão do conhecimento de geração para geração. Assim a brincadeira tradicional infantil é:

A manifestação livre e espontânea da cultura popular, a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas a criança, a brincadeira tradicional infantil garante a presença do lúdico, da situação imaginária (Ibid., p.38-39).

Concluindo esta análise conceitual, gostaríamos de afirmar que Brincar, Jogar e ter um Brinquedo nos remete a relação entre a criança e o adulto e isso é indissociável. Portanto, defendemos a necessidade de transmissão deste patrimônio cultural às novas gerações, sendo este, o objetivo principal desse trabalho. Vislumbramos então formas de transmissão destes saberes populares mesmo com a forte influência que o poder midiático possui sobre a educação da infância na atualidade. Assim veremos mais adiante como os jogos e brincadeiras populares são partes constituintes da formação e desenvolvimento

da criança. Perdê-los historicamente é impedir ou limitar o acesso ao saber histórico, fruto da produção cultural de uma sociedade.

### 1.3 A DINAMICIDADE DA CULTURA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DOS JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE.

(...) Meninos de rua, delírios de ruína  
 Violência nua e crua, verdade clandestina  
 Delírios de ruína, delitos e delícias  
 A violência travestida, faz seu trottoir  
 Em armas de brinquedo, medo de brincar  
 Em anúncios luminosos, lâminas de barbear!(...)

Humberto Gessinger.

“Medo de brincar”, será que é isso que temos hoje? Brincamos na rua durante toda nossa infância e agora temos medo de deixar nossos filhos brincarem? O mundo mudou, o trânsito está maior, a “violência nua e crua” nos impede de deixar nossos filhos na rua, por isso, a transmigração dos jogos para dentro de casas nos videogames e nos computadores nos acalma e nos deixa felizes por saber que nossos filhos estarão “sempre” seguros. Se essa afirmativa é verdadeira, porque ainda nos angustiamos em vê-los hipnotizados em frente a uma TV, em vê-los enfiados em um quarto com jogos eletrônicos que desconhecemos suas dimensões educativas na frente de um computador ou videogame?

Talvez a resposta ainda esteja nesse trecho da música de Humberto Gessinger, “violência nua e crua, *verdade clandestina*”, “*violência travestida*”. Será que a violência aumentou a tal ponto ou esta sempre existiu e temos hoje uma vigília e exacerbamento do temor social desta? Parece-nos que a verdade ainda está clandestina ou travestida sobre o disfarce da desculpa de uma sociedade capitalista que retirou de casa os pais e deixou para cuidar das crianças uma gama de brinquedos e brincadeiras industrializadas que permitem que ele fique salvo/preso dentro de casa. Vivemos hoje numa fantasia de segurança em casas trancadas, mas também vivemos

amargurados por saber que nossas crianças, não conhecem seu vizinho, não correm, não gritam, não brincam como ocorria na infância que nos propuzemos a investigar, década de 1980. De quem é a culpa de nossas crianças perderem sua infância em frente a TV<sup>3</sup> e ao computador? Será da violência, da dinamicidade da cultura, dos pais que não ensinam suas brincadeiras ou de tudo isso junto? Essas são as questões que tentamos elucidar com esta pesquisa-ação na cidade de Hidrolândia.

Os aspectos históricos, culturais, sociais, educacionais e sua relação, jogo e brincadeira como elemento da cultura corporal, são os conceitos que buscamos tratar neste momento buscando enraizá-los nas necessidades advindas do trabalho como constitutivos da formação do gênero humano. Vimos, portanto, que os jogos, brinquedos e brincadeiras fazem parte desse mundo movido que se constrói na relação com os pares. Entretanto o mundo que vivemos hoje está cerceando às crianças da aprendizagem advinda dessas atividades. Para Elkonin (1969)

o desenvolvimento humano dependente das relações sociais e do processo de aprendizagem que lhe permite a apropriação de sua humanidade. Sendo assim, a aprendizagem é colocada como fonte do desenvolvimento, materializando-se nas atividades realizadas pelos homens, as quais nos possibilitam fazer das aptidões materiais, culturais e espirituais edificadas ao longo da história órgãos de nossa individualidade em um processo que, pela sua função humanizadora, também o é um processo necessariamente educacional (apud, PICCOLO, 2010).

A transmissão desta tradição cultural estava intimamente ligada à interação de uma geração com a outra através da oralidade, entretanto, esta forma de educação formal restringiu a ludicidade à experiência restrita à manipulação de máquinas sem mediação. A interação social com estas últimas tem sido determinante na educação da infância na atualidade, através de mecanismos nunca antes experimentados. O MSN, o Facebook, o WhatsApp,

---

<sup>3</sup> Segundo os dados da Latinoamerica, o estudo Kiddo's (Latin América Kids Study), que entrevista anualmente centenas de crianças nos principais mercados da América Latina, revela que as crianças passam mais de 2 horas em frente à TV – 62% Chile, 76% no México e 76% na Argentina. E cerca de 81% das crianças e jovens latinas declaram “amar assistir TV”; no Brasil esse índice sobe para 91%. A preferência nas horas de vagas em crianças e adolescentes de classe A, B e C, se configura da seguinte maneira: 99% assistem TV; 87% ouvem rádio; 79% leem quadrinhos; 34% usam a Internet; e 34% leem ou folheiam jornais.  
<http://www4.faac.unesp.br/publicacoes/anais-comunicacao/textos/40.pdf>

o Twitter criaram uma nova cultura de interação entre as pessoas, mas essa interação não garante o contato direto, a relação cara a cara, a possibilidade de ver, ouvir tocar, cheirar e sentir; gera apenas a “falsa ilusão de interação”. Esta educação informal, ou sociabilidade contemporânea, sem reconhecê-la como fruto do processo histórico, tem colocado outras formas de educação, incluindo aí a ludicidade como concernente a educação da infância através de jogos e brincadeiras populares, numa situação de desprestígio e esquecimento social. Os mecanismos e possibilidades de superar isto, por processos pedagógicos sistematizados, é nosso foco com este trabalho.

Quando as crianças hoje dizem que vão brincar eles nem saem de casa, vão para o quarto, para a sala e se conectam a uma máquina. Ali dizem que estão brincando de arrumar as bonecas, mesmo tendo várias delas no armário, brincam de futebol no videogame, mesmo tendo uma dúzia delas de enfeite no quarto. Onde está a interação com seus pares? Alguns podem dizer que jogam online, ou seja, jogam contra outras crianças que também estão conectadas, mas ainda assim questionamos, a educação da criança e as zonas de desenvolvimento proximal do processo educativo se restringirão a isto? De que forma a interação da criança com o adulto e outras vivências, de natureza corporal, poderão ser apreendidas a partir da perspectiva utilizada por Vygotsky? A máquina fará isso? Se fizer como será o resultado? Quais as intencionalidades e a que interesses esta educação atende? De que forma esta não seria uma privação do “viver” da infância ou restrição da sua formação humana?

Talvez possamos apontar um dos elementos que leva a esta problemática, ou o primordial deles; apesar de reconhecermos os limites desta pesquisa, nos arriscamos a este desafio. A violência urbana nos parece ter um papel central nesta mudança de educação da infância, articulado à maior flexibilização do trabalho que diminui o “tempo livre” e disponível dos pais para serem partícipes da educação de seus filhos, os deixando em CMEI, com babás, parentes próximos etc.; dando aos brinquedos industriais um papel principal na ludicidade infantil nesta conjuntura social. Por outro lado, percebe-se um interesse desta indústria, reforçado pela mídia, nos ganhos de capital a partir da criação de fetiches para a infância.

Nos perguntamos até que ponto este convencimento midiático e os interesses econômicos desta indústria “para a infância” contribuem para a formação autônoma destas crianças? Tomando esta preocupação como premissa básica, esse trabalho almejou ver as possibilidades de transmissão dos jogos e brincadeiras populares junto às crianças do município investigado a partir da experiência dos mais velhos.

O Jogo também pode ser uma forma de aguçar a curiosidade investigadora do ser humano, (...). As próprias contradições e conflitos que ocorrem durante o jogo valem como reflexo da nossa sociedade/cultura; podem ser um momento, pedagogicamente, importante para se refletir questões mais aptas, como as políticas, sociais e econômicas. (GUIMARÃES E D'ALMEIDA, 1996, p.06).

Se a cultura é dinâmica e vivida a partir da relação com o outro, concordamos com Lenzi (1996), quando este diz que as trocas culturais vêm de tudo que o ser humano produz socialmente. Assim, os jogos e brincadeiras também o são já que foram construídos historicamente pelo homem, e, portanto representam ações praticadas na sua trajetória histórica. Sendo então práticas corporais devem fazer parte do trato pedagógico da Educação Física para que a criança se aproprie dessa cultura socialmente produzida e indissociável da significação humana e social. E se a Educação não se dá apenas no âmbito da escola (educação formal), mas também fora dela (educação informal) a partir da relação com outras crianças e com os mais velhos, os jogos, brinquedos e brincadeiras antigas, objeto de estudo deste trabalho, são também conteúdos a serem estudados e problematizados pela Educação Física.

A fim de enfatizarmos a importância dos jogos no desenvolvimento da criança, concordamos com Piccolo (2010, p.05) quando este descreve que:

os jogos se convertem em um mecanismo facilitador e amplificador das relações sociais estabelecidas entre as crianças, configurando não apenas formas de pensar, mas também maneiras de sentir, observar, cheirar, tatear, andar, saltar, rir, chorar, chutar, enfim, os jogos funcionam como verdadeiras pontes dialéticas na apropriação do conhecimento acumulado pela humanidade e também na objetivação de relações gnosiológicas, sociais, culturais, éticas, estéticas e também lúdicas.

O jogo, portanto representa a possibilidade de construção e recriação da realidade de forma lúdica. Estabelece a relação entre o adulto e a criança de forma a facilitar o conhecimento e o aprendizado de sua própria cultura, bem como facilitar as relações sociais futuras.

As máquinas não são capazes de dar às crianças as necessidades de desenvolvimento físico, cognitivo e moral que a interação social tem na sua forma mais complexa, possivelmente, restrinjam-se a dimensão utilitária. Em Froebel (1912, apud KISHIMOTO, 1997, p.68) temos a definição da importância da brincadeira na vida da criança e com ele concordamos:

A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo – da vida natural interna no homem e todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo... A criança que brinca sempre, com determinação auto ativa, perseverando, esquecendo da fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto sacrifício para a promoção do seu bem estar e de outros...

Portanto, negar à criança o conhecimento sobre essas brincadeiras e jogos antigos, sob qualquer pretexto – violência, preguiça, dinamicidade cultural, trabalho, falta de tempo, proteção etc. – é nega-las o direito a uma formação cidadã que permita a ela o conhecimento histórico sobre a sua ludicidade, ou até mais que isso é negá-las o desenvolvimento humano dependente das relações sociais e do processo de aprendizagem que lhe permite a apropriação de sua humanidade (ELKONIN, 1969).

## CAPÍTULO II: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

### 2.1 O método de pesquisa.

Quanto à natureza da investigação que tentamos elucidar a partir desse projeto, optamos pela pesquisa-ação como procedimento metodológico para qualificar o rigor de análise do objeto de estudo, e os autores que nos subsidiaram nessa busca foram Michel Thiollent (2009) e Augusto N. S. Triviños (2008). Por meio de dados empíricos tentamos descobrir como os jogos e brincadeiras populares foram desaparecendo, ou sendo ressignificados pela cultura atual, mas sempre tomando por referência a década de 1980 na cidade de Hidrolândia.

Na pesquisa tradicional isso poderia ser muito questionado, mas produzir dados empíricos não implica em dizer que balizaremos nossa reflexão crítica pelo senso comum, no entanto, esta prática social inicial foi o ponto de partida para abordagem do problema de pesquisa. Para Thiollent (2009) é pelo empirismo que obteremos descrições de situações concretas, para depois partirmos à intervenção, na tentativa de solucionar os problemas efetivamente detectados. Sendo assim, seguiremos a “estratégia metodológica” de:

uma pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT 2009, p.16)

Uma pesquisa-ação tem por objetivo como o mesmo nome diz a ação, ou seja, “a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados”; por isso este trabalho teve como base não só a observação de adultos e crianças, mas a participação dos mesmos para que o problema pudesse ser resolvido em conjunto, sem que fosse, como acontece numa pesquisa tradicional, “um simples levantamento de dados ou relatórios a serem arquivados”; ou uma mera constatação de erros e propostas de acertos de pesquisadores de fora que ao terminar vão embora com seus diplomas em baixo do braço. Não partimos nesse trabalho apenas de uma necessidade

pessoal de escrita de um trabalho de conclusão de curso, mas da intenção de ouvir, estudar e propor uma solução conjunta à comunidade que há muito vem reclamando do abandono da cultura lúdica de seu passado; portanto pretendemos com essa pesquisa-ação “desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”.

Portanto a pesquisa-ação por nós pretendida é uma estratégia metodológica da pesquisa social que tentou seguir os seguintes aspectos descritos por Michell Thiollent (2009, p.18-19):

- a- Ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b- Desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c- O objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação,
- d- O objetivo da investigação da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos esclarecer os problemas da situação observada;
- e- Há durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f- A pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

Na captação das informações necessárias utilizamos entrevistas semiestruturadas com os adultos que viveram a infância no município na década de 1980, roteiro de observação participante nas ruas em frente ao casarão relatado nas entrevistas e questionários abertos destinados às crianças que moram próximo a essa rua, ou ligadas aos entrevistados.

Para nos conduzir por esse caminho de coleta de dados Triviños (2008) em seu livro *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais* nos descreveu como trabalhar com os instrumentos utilizados. Assim a entrevista semiestruturada é

Aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em

seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta forma, o informante, seguindo espontaneamente a linha de pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 2008, p146).

A observação participante ou como diz Triviños (2008) a observação livre, não é observar, ou olhar simplesmente, é destacar de um conjunto (nesse caso pessoas, ou melhor, crianças e adultos) algo específico, prestando atenção em alguma característica (a relação desses indivíduos com as brincadeiras na rua).

Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações etc. (Ibid.,p.153).

Os questionários foram feitos com 10 crianças que de certa forma estão próximos à rua mencionada pelos entrevistados, são eles filhos, sobrinhos e vizinhos. Os questionários na pesquisa-ação obedecem a algumas regras dos questionários comuns (clareza das perguntas, perguntas fechadas, escolha múltipla, perguntas abertas etc.); mas o procedimento estatístico das repostas não é suficiente, pois este deve partir de uma argumentação, dando “relevo e conteúdo social” às interpretações (THIOLLENT, 2009, p.71).

Para tanto obedecemos a premissa de um planejamento flexível que segundo Thiollent (2009) não deve ser visto como uma regra cansativa a ser seguida e como a única possível; na pesquisa ação o ponto de partida (fase exploratória) e, o ponto de chegada (divulgação dos resultados) são as fases realmente importantes; os meios não tem uma ordem determinada já que dependem de circunstancias que podem aparecer no meio da pesquisa.

Pretendíamos com esse trabalho mais do que identificar os jogos e brincadeiras do passado, tentamos sistematizar, categorizar e pedagogizá-los

como forma de fazê-los voltar ao imaginário infantil com a ajuda das pessoas da região pesquisada. Por isso acreditamos que o melhor método para essa pesquisa era a pesquisa-ação, já que discordamos da pesquisa convencional que prioriza a:

não participação dos pesquisadores junto com os usuários ou pessoas da situação observada. Além disso, sempre há uma grande distância entre os resultados de uma pesquisa convencional e as possíveis decisões ou ações decorrentes. Em geral tal tipo de pesquisa se insere no funcionamento burocrático das instituições. Os usuários são considerados como atores. Ao nível da pesquisa, o usuário é mero informante, e ao nível da ação ele é mero executor. Esta concepção é incompatível com a da pesquisa-ação, sempre pressupondo participação e ação efetiva dos interessados. (THIOLLENT, 2009, p.21).

Então, considerando as limitações da pesquisa tradicional, a pesquisa-ação pode nos auxiliar a fazer com que a população envolvida identificasse por si mesma os seus problemas, realizando a reflexão crítica dos mesmos e buscando possíveis soluções. Desta maneira nessa metodologia buscamos a transformação da situação atual em uma situação desejada por todos ou pelo menos pela maioria, não ficando o trabalho sendo feito apenas pelo pesquisador e nem este sendo guardado no fundo de uma biblioteca sem nenhuma aplicabilidade. Num projeto futuro, com essa pesquisa, talvez possamos dar início a uma ação de valorização da cultura infantil da cidade numa proposta mais abrangente, como política pública.

### **2.1.1 O lócus de realização da pesquisa.**

Como José Jorge Carvalho em seu trabalho sobre “O jogo de bolinhas, uma simbólica da masculinidade” meu interesse pelo tema dos jogos, brinquedos e brincadeiras veio de uma situação vivida na realidade. Todos que me conhecem sabem que tenho três paixões na minha vida (claro aqui excluindo minha família que está à frente de tudo), a História, a Educação Física e a minha cidade – Hidrolândia.

Ao terminar o segundo grau o destino me levou à História minha matéria favorita, depois de muitos anos com o surgimento do curso à distancia foi possível fazer a tão sonhada Educação Física, ao finalizar esse curso o tão temido TCC chegou e a escolha do tema ainda não havia sido feita, até que na reunião com o possível orientador toda a história de uma vida e projetos sempre futuros começou a se desenhar em minha mente. Cresci em uma família muito pobre, talvez por isso minha relação com os jogos e brincadeiras na rua, não tínhamos mais nada com o que brincar a não ser na rua e com brinquedos que nós mesmos criávamos e inventávamos, aprendíamos novas brincadeiras a cada nova amizade que vinha na maioria das vezes dos vizinhos.

Assim como eu, meus três irmãos mais velhos, amam nossa cidade e a infância que tivemos; vivíamos comentando de um dia fazer algo pra ensinar essas crianças “bobas” de hoje o que é realmente se divertir. Quando a possibilidade de juntar as três coisas que mais gosto de fazer apareceu, agarrei-me a ela e arregimentei toda a minha antiga rua para poder entender como a infância se dá hoje na cidade. Nunca foi o objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso só a análise dos fatos resultando na obtenção de uma nota, mais do que isso foi o seu fim, a Intervenção com as crianças e os adultos para que a conscientização da importância dessa ludicidade perdida pudesse voltar às ruas de nossa cidade.

Mas para localizarmos especificamente essa cidade iremos passar pela história de Hidrolândia/GO. Hidrolândia está situada no entorno de Goiânia (mais especificamente a 36 km da capital), não faz limite territorial com a capital, mas pela proximidade é considerada região metropolitana, conta hoje com mais de 17.300 habitantes com predomínio da população no meio urbano<sup>4</sup>.

Hidrolândia tem história, claro; mas nunca teve um livro ou um autor que a contasse. Temos vários livretos e histórias orais contando sobre seu início, cada família mais antiga sabe uma parte, mas ainda falta alguém para juntar

---

<sup>4</sup> Dados do IBGE- CENSO- 2010.

tudo. No site da prefeitura encontramos uma síntese de sua fundação copiada de um dos livretos antigos que já circularam na cidade.

A região começou a ser povoada a partir da vinda de mineiros que ali se fixaram constituindo grandes fazendas de criação de gado e produtos agrícolas. Sob iniciativa de um padre comerciante de gado uma estrada foi aberta entre Goiás e Minas Gerais, e é as margens dessa estrada que nascerá a partir de 1895 a vila de Santo Antônio das Grimpas (Grimpas é o nome do pequeno córrego que corta a cidade e hoje está poluído pelo progresso da industrialização sem responsabilidade ambiental). Na mesma época uma capela foi erigida sob os esforços do Senhor Joaquim Pereira Cardoso e as primeiras doações de terra serão feitas pelo Senhor Joaquim Pires de Miranda (esses senhores só foram mencionados aqui porque hoje são nomes de rua na cidade e não por coincidência são os nomes das duas ruas mencionadas nas entrevistas, portanto o local dos jogos e brincadeiras dessa pesquisa).

Com mais algumas doações de terra e o aumento da população em 1896 a vila vira Distrito de Santo Antônio das Grimpas sob jurisdição de Piracanjuba (a antiga Pouso Alto). “Em 1918, foram realizadas as primeiras eleições e os grimpenses elegeram em 1º de março daquele ano o cidadão representante de Santo Antônio das Grimpas, José Avelino de Castro para fazer parte do conselho Municipal de Pouso Alto”. (José Avelino de Castro é meu bisavô e também um dos doadores de terra para o município, era também o nome da praça mencionada como local de jogar futebol por um dos entrevistados, hoje a praça de baixo ou da Matriz como é conhecida pela maioria das pessoas, foi rebatizada com o nome do pai do último prefeito).

24 de Novembro de 1930 em decorrência dos esforços da população e da revolução de 1930, Santo Antônio das Grimpas se emancipou e lhe foi dado o nome de Hidrolândia por causa da sua abundância em águas. Contudo com a transferência da capital de Goiás para Goiânia, Hidrolândia voltou à condição de distrito, sob jurisdição agora da capital. Com a concessão de emancipações a municípios menores a população recorreu novamente e em 05 de novembro

de 1948 o município voltou a se emancipar e permaneceu com seu nome anterior Hidrolândia<sup>5</sup>.

Com esse breve histórico e descrição do local da pesquisa tivemos então apenas que delimitar o foco da mesma, pois mesmo a cidade sendo pequena, não abarcaríamos todas as crianças que aqui cresceram na década de 1980. Então para delimitar a pesquisa partimos da seguinte premissa; os entrevistados tinham que ser adultos (de 30 a 40 anos) de ambos os sexos que brincaram na década de 1980 nas proximidades da “praça de baixo” e no encontro das duas ruas mencionadas acima; nesse local tem um casarão em estilo colonial (um dos mais antigos da cidade) recentemente restaurado que por causa de sua enorme calçada era, e agora esperamos que continue sendo, o lugar predileto das brincadeiras das crianças.

Seis (06) adultos eram para ser entrevistados, para que tivéssemos uma visão geral de 03 mulheres e 03 homens, contudo um dos homens não pode comparecer porque estava trabalhando na fazenda e mesmo marcando pra outros dois dias não conseguimos nos encontrar; outros dois homens foram interpelados a fazer a entrevistas, mas disseram não ter tempo. 10 crianças foram questionadas, dessas cinco moram em outra cidade, mas vão à Hidrolândia praticamente todo fim de semana. A observação se deu em todos os dias em que estive nas referidas ruas (estou sempre – nos finais de semana), a anotação dos dados da observação se deu especificamente em 04 dias, dois dias no meio da semana e dois no final de semana. As intervenções aconteceram em quatro momentos, na previsão era pra acontecer com 20 crianças, mas cada dia foi diferenciado, chegando ao máximo a ter 10 crianças.

## 2.2 A ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.

### 2.2.1 A observação Participante.

---

<sup>5</sup> Dados do site da prefeitura de Hidrolândia. <http://www.hidrolandia.go.gov.br/dados/>

Cruzamento da Rua Joaquim Pires de Miranda com a Rua Joaquim Pereira Cardoso, calçada do casarão e praça da “matriz” da cidade de Hidrolândia Goiás, o que se observa nessa região? Poucos carros, poucas crianças e quase nenhum jogo ou brincadeira. Mas isso acontece em vários lugares, porque nesse teria alguma importância especial? Foi nesse espaço que na década de 1980 crianças se amontoavam para brincar de beto, queimada, paredão, peteca etc., o que aconteceu para que hoje isso não aconteça mais, levando em conta que a grande quantidade das crianças que brincaram ali, agora são os pais, tios e tias das crianças de hoje?

Portanto, foi a observação desses espaços antes tão movimentados e hoje tão vazios um dos objetivos dessa pesquisa. Retornando a Triviños (2008) observar não é apenas olhar, observar é destacar de um conjunto, algo específico, prestando atenção em suas características, então pra que este trabalho não se transformasse em algo apenas empírico foi necessário uma sistematização desse olhar.

Assim para direcionar esse olhar foram feitas algumas perguntas que foram respondidas ao final do período observado, são elas:

- Em relação aos locais onde os adultos disserem sempre brincar durante a infância existem crianças brincando hoje em dia? Qual o período em que acontecem as brincadeiras?
- Quais são as brincadeiras que as crianças hoje mais brincam? Estão brincando sozinhas ou com outras crianças? Tem a supervisão de adultos? Se sim, como os adultos se comportam em relação à brincadeira das crianças?
- As ruas são movimentadas em relação a trânsito de veículos? Existe alguma incidência de algum tipo de violência?
- As crianças utilizam de algum brinquedo em específico para jogar ou brincar? Se sim, são artesanais ou industrializados?

Os dias observados foram uma quarta feira de manhã, uma sexta a tarde, uma sábado e domingo (praticamente o dia todo). Dois dias na semana

em horários diferentes pra saber se a escola interferia nas brincadeiras e no fim de semana pra saber se o tempo livre era aproveitado.

Em relação à primeira pergunta, em todos os dias analisados pouquíssimas crianças brincaram, e quando o fizeram foi no período mais fresco, depois da aula no meio da semana e na manhã e a tardezinha no fim de semana.

Sobre a segunda pergunta podemos dizer que as crianças “brincam” andam de bicicleta, jogam bola (nem se pode dizer que é futebol – um chuta a bola para o outro) e soltam pipa (observado apenas uma vez e por um período muito pequeno de tempo). Na maioria das vezes andam de bicicleta, sozinhas ou com mais um colega. Os adultos “vigiam” as crianças pra que não se machuquem nos brinquedos quebrados da praça e pra que não atravessem a rua. Em nenhum momento foi observado algum adulto ensinando as crianças a brincar de alguma coisa.

Em nenhum dia houve um trânsito pesado de veículos, aliás, ainda é muito pequeno, me atrevo a dizer que parecido com o trânsito da década de 1980. Essa questão do trânsito foi muito comentada nas entrevistas (veja o quadro abaixo). Observando o quadro abaixo percebemos que todos os entrevistados descreveram ser o aumento do número de carros nessas ruas um dos impedimentos das crianças não brincarem na rua hoje (todas as entrevistas podem ser vistas no Apêndice B, p.68)

Jacqueline	Eles não têm a mesma oportunidade que a gente tinha porque a realidade hoje do nosso município mesmo sendo ainda um município tranquilo e com as ruas onde nós moramos ainda sendo tranquilas; os pais geralmente não deixam e não gostam que os filhos fiquem nas ruas, pelo fato de que hoje já tem mais carros e isso trás mais perigo.
Cleiton	Também tem a violência, tem o risco de acidente na rua com o transito complicado que existe hoje.
Eder	O mundo mudou e apesar de ser uma cidade de interior o trânsito aumentou consideravelmente, não se compara a uma cidade grande, mas tem um trânsito bem maior que tinha antes.

Edina	Na rua tem muito pouco as brincadeiras da minha época, por causa da rua não ser mais tão segura.
Renata.	Meus pais deixavam brincar na rua porque a cidade era muito tranquila <sup>6</sup> .

Também não foi observado nenhum problema ligado à violência, nenhum morador de rua ou drogado como disseram os entrevistados fora avistado na região.

Pelo fato de moradores de rua que estão sempre próximos (porque nós moramos perto de uma pracinha que geralmente tem moradores de rua) e pelo fato também de usuários de drogas que podem oferecer drogas pra essas crianças, então os pais tem receio, tem medo de deixar seus filhos nas ruas. (JACQUELINE Anexo B, p.68).

Os únicos brinquedos observados foram: a bicicleta em todos os dias, a bola em um dia e a pipa artesanal também em um dia. Não brincaram por muito tempo, no máximo 15 minutos. As crianças mais passavam pela rua do que brincavam nela, na praça que a priori é um local onde poderiam ficar mais tempo também ficavam pouco, talvez pela falta de atrativos, é uma praça com uma área de areia onde deveria ter alguns brinquedos de ferro, no entanto os que ainda resistiram estão enferrujados e quebrados. Por ter muito espaço e ser pouco usada algumas crianças passeiam por ela de bicicleta.

### **2.2.2 A entrevista semiestruturada.**

Nessa fase da pesquisa muitos adultos queriam participar, mas por ter restringido a idade muitos ficaram de fora, no entanto sempre em conversas informais o assunto se repetia e as opiniões não eram divergentes, portanto não foi necessário ampliar a faixa etária. Como já disse essa pesquisa partiu de uma constatação empírica da falta de crianças nas ruas brincando ou jogando, com as entrevistas percebeu-se que não era só a mim que esse fato incomodava.

---

<sup>6</sup> Quadro feito a partir da análise das entrevistas em relação a pergunta sobre os motivos das crianças não brincarem mais hoje em dia, não se encontra nos anexos, pois lá está todo o quadro de análise das entrevistas.

O método usado foi à entrevista semiestruturada, pois queríamos que as repostas não fossem tão fechadas como num questionário, mas que fosse direcionada ao tema da pesquisa. Nesse tipo de coleta de dados, se “valoriza a presença do investigador e oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 2008). Nesse sentido as perguntas foram feitas com a possibilidade de ampliação do assunto a partir de uma nova ideia.

Sobre os dados gerais de cada entrevistado temos que: todos os adultos moram desde sempre próximos às ruas da referida pesquisa, tem 30 (um entrevistado), 33 (duas entrevistadas), 38 (um entrevistado) e 40 (uma entrevistada) anos. São todos formados- as três mulheres são professores de níveis diferentes (infantil, fundamental I e Médio), dos homens um é militar e um administrador. Todos se conhecem e brincaram juntos em sua infância na cidade, hoje apenas dois deles tem filhos, ou outros tem sobrinhos que disseram manter contato frequente (moram próximos a eles ou os veem todo fim de semana).

Aqui farei de modo geral uma análise de todas as perguntas feitas aos entrevistados, mas nos anexos a quem interessar possa poderão vê-las pergunta a pergunta, resposta a resposta no quadro de análise das entrevistas.

Quanto à questão um, todos disseram brincar na rua, em horários contrários aos da aula, ou nos seus intervalos, no meio da semana, no fim de semana e nas “férias todas” como nos disse Jacqueline. Qualquer um podia brincar irmãos e primos, mas na maioria das vezes eram os vizinhos; “brincava com meus vizinhos, os vizinhos das ruas de baixo e meus colegas da escola (muitos moravam perto de casa porque a cidade era muito pequena)” Edinamar.

Um fato interessante para esse estudo reside na questão dos pais deixarem ou não as crianças brincarem na rua nessa época; todos disseram ser a rua o principal local das brincadeiras, sendo utilizados também os quintais e as calçadas. Nenhum entrevistado mencionou brincar dentro de casa e um até mencionou ser obrigatório brincar fora pra não sujar a casa; “alias não se brincava dentro de casa, porque tinha que arrumar a casa e se quisesse

brincar tinha que ser na rua” Eder. Alguns disseram ter algumas regras como não fazer bagunça, voltar num determinado horário para os afazeres domésticos e não demorar muito na rua depois que escurecesse, mas todos relataram que brincar na rua era uma prática muito comum e até incentivada (empurrada) pelos pais. Três adultos comentaram essa ser uma prática comum por causa da tranquilidade da cidade na época; “Meus pais deixavam brincar na rua porque a cidade era muito tranquila” Renata.

Para responder a segunda questão os entrevistados tiveram que rememorar sua infância, lembrar das brincadeiras e de como eram suas regras, alguns não conseguiram se lembrar corretamente das cantigas ou dos passos de cada brincadeira, mas ficavam felizes por lembrar delas e sempre diziam ser ótimas. A idade dos entrevistados nessa época variava de 5 a 12 anos, portanto uns mais novos e outros, mais velhos, não consideraram ser esse um impedimento para se brincar, disseram até não haver exclusão de crianças e mudarem a brincadeira pra que todos participassem, quando a crianças eram muito pequenas ou franzinas eram deixadas como: “carta branca, eu participava, mas não era pra valer” Edina. “brincava só pra participar, mas não era levado a sério, só pra não chorar” Eder. Dessa forma as crianças menores iam aprendendo com as maiores as brincadeiras que naquele momento não “eram” pra elas, mas que quando fossem um pouco maiores poderiam brincar efetivamente.

Ah, mas agora como se relacionavam na questão de gênero? Menina brincava de Cozinhadinha e o menino de futebol? Sim, mas não só isso; em todas as brincadeiras os adultos disseram esse não ser um problema, todos brincavam juntos, mas mesmo assim existiam brincadeiras que os meninos brincavam sem as meninas, mas mais porque elas não queriam participar do que por impedimento, assim como os meninos não quererem brincar de Cozinhadinha, casinha ou de baliza.

Sobre os jogos e brincadeiras experimentados pelos adultos na década de 80 em Hidrolândia temos na tabela I quais são eles e quantos adultos as descreveram. Nos anexos estão as entrevistas e a descrição dos mesmos pelos adultos.

Tabela I: Jogos e Brincadeiras listados pelos adultos.

Brincadeiras ↓	Adultos →	Renata	Jacqueline	Edinamar	Cleiton	Eder
Bete		X	x	x	x	X
Queimada		X	x	x	x	X
Salve latinha		X	x	x	x	X
Barra manteiga		X				
Caiu no poço		X			x	
Casinha			x	x		
Cozinhadinha			x			
Passar anel			x			
Biloca			x	x	x	
Basquete de rua		X				
Pique pega			x			X
Finca				x	x	
Paredão				x		
Baliza				x		
Futebol					x	X
Cigarrinho					x	
Peteca				x	x	
Polícia e ladrão						X
Triângulo					x	
Pipa		X	x			X
Amarelinha				x		
Pula corda			x			

Percebemos pela tabela que os adultos não se lembravam de todas as brincadeiras na hora da entrevista, e às vezes lembravam de uma brincadeira que outro esquecera, entretanto muitas se repetiam em todas as falas como é o caso do beto, da salve latinha e da queimada. Numa conversa informal depois das entrevistas os adultos disseram que na entrevista se sentiam um pouco constrangidos, mas sem a gravação comentavam uns com os outros das brincadeiras que brincavam juntos e das que haviam esquecido. Optamos por não colocar as brincadeiras mencionadas fora da entrevista porque seriam mais algumas que não teríamos tempo de praticar com as crianças na fase da intervenção.

Sobre a terceira pergunta, todos os adultos disseram ter aprendido os jogos e brincadeiras com crianças mais velhas – vizinhos em sua maioria. Paravam de brincar quando chegavam à adolescência e as obrigações com o trabalho e com a escola aumentaram. “Com 16 anos e a chegada da responsabilidade de ter que trabalhar, então parei de brincar” (CLEITON, Anexo B, p.68).

Quando adultos, 4 dos entrevistados disseram ter ensinado seus sobrinhos e crianças próximas, às brincadeiras de sua época. Dois disseram que as crianças de hoje acharam essas brincadeiras “antigas” e boas de brincar, mas logo pararam e voltaram pras brincadeiras atuais. Um disse que as crianças gostaram, mas que os jogos eletrônicos, a necessidade de muita gente nas brincadeiras antigas e o trânsito, as impedem de brincar. Um disse não ter ensinado, mas por que as crianças não tiveram interesse, só querem jogos eletrônicos e uma disse que as crianças não gostaram acharam “chata”. Essas respostas podem ser contraditas quando no questionário feito as crianças, percebemos que elas não conhecem a maioria das brincadeiras antigas, mas gostariam de aprender; só não brincam porque seus pais não as ensinaram e não as deixam - por causa do trânsito; coisa que na observação participante foi constatado não haver perigo impeditivo para a realização dessas brincadeiras.

Em relação á última pergunta, os adultos, que moram em Hidrolândia desde a infância constataram que as crianças de hoje não brincam nas ruas, nem com jogos antigos nem com atuais. Quando rara às vezes veem alguma criança brincando, é de bicicleta, pipa ou bola; essa informação foi constatada na observação participante. Deram como explicação para essa não brincadeira na rua os jogos eletrônicos – videogame, Xbox, computador – e a TV. “Eles hoje brincam de vídeo game, televisão; não ficam na rua e em raras às vezes ficam na rua soltando pipa ou andando de bicicleta” Eder.

Para compreender como os adultos julgam as brincadeiras das crianças hoje em dia olhemos a Tabela II.

Tabela II- Brincadeiras que os adultos descrevem que as crianças fazem hoje em dia.

Brincadeiras ↓	Adultos →	Renata	Jacqueline	Edinamar	Cleiton	Eder
Computador		X			x	
TV				x	x	x
Playstation/ Xbox				x	x	x
Jogos eletrônicos		X	x	x	x	x

Na perspectiva dos entrevistados, eles alocam os jogos eletrônicos como um tipo de jogo, pois eles não conseguem perceber que o mesmo é uma categoria que engloba todas as categorias midiáticas. Portanto nós englobaremos jogos no computador, videogame, Xbox e Playstation em jogos eletrônicos, portanto numa generalização as crianças brincam com jogos eletrônicos e assistem TV.

No questionário feito às crianças foi possível confirmar essa informação, já que elas disseram não brincar na rua e ficar em casa o dia todo brincando no computador, no videogame e na TV. Mas isso será mais bem analisado no próximo tópico.

“O jogo preenche as funções psicossociais afetivas e intelectuais do devir infantil” (FERRAN; MARIET; PORCHER, 1979, Apud SOUSA, 2012, p.34). Então os adultos concordam com a bibliografia existente sobre a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento das crianças, pois para eles as brincadeiras de sua época eram,

mais saudáveis, muitas vezes não tem maldades e com certeza estaria desenvolvendo um pouco mais o raciocínio e o espírito de coletividade entre essas crianças. Não ter maldade é porque essas brincadeiras são mais puras o único interesse era se divertir e não ter a intensão de machucar, nem denegrir a imagem do outro, não existia muita discriminação e hoje percebemos que tem brincadeiras que discriminam muitas crianças, tem duplo sentido e que acabam ensinando coisas que essas crianças não precisam aprender nesse momento (JACQUELINE, Apêndice B, p.68).

Não só a questão do desenvolvimento intelectual e afetivo seria beneficiado com os jogos e brincadeiras antigas, mas também a parte física;

porque na rua você meche o corpo, não fica sedentário. Hoje se vê muitas crianças com 8/9 anos com excesso de peso

porque ficam em casa, sentadas, comendo e jogando no computador e se eles fossem pra rua eles estariam andando, correndo e provavelmente queimando calorias (CLEITON, Apêndice B, p.68)

Para os adultos as crianças deveriam “fazer uma mescla com as brincadeiras dentro de casa e as de rua” (CLEITON, Apêndice B, p.68), assim não perderiam os benefícios que a tecnologia os dá hoje, e ainda teriam mais prazer e interação do “corpo, da mente, de tudo” (Renata, Apêndice B, p.68).

Concordamos com os adultos quando declaram os benefícios que os jogos e brincadeiras trazem ao corpo e a mente, mas achamos que, além disso, reviver essas atividades é reviver um passado que está sendo consumido pela tecnologia, ensiná-los às crianças é proporcionar além do desenvolvimento físico e intelectual a preservação da cultura infantil do povo hidrolandense.

### **2.2.3 O questionário aberto.**

Toda essa pesquisa teve como foco as crianças, mas antes de chegar a elas fizemos as entrevistas semiestruturadas com os adultos que constataram que as mesmas não brincam/jogam nas ruas; a observação participante também apontou para esse fato, então faltava-nos saber das crianças porque elas não brincam nas ruas, será mesmo culpa da TV e dos jogos eletrônicos como disseram os adultos?

Para as crianças foi preferido o questionário aberto já que este tem a facilidade de interrogar um elevado número de pessoas, num espaço de tempo relativamente curto, que era o que tínhamos para trabalhar. Buscamos então 10 crianças que moram próximo às ruas pesquisadas, não por coincidência muitas delas estão ligadas em parentesco com os adultos.

Foram entrevistadas dez crianças, seis meninos e quatro meninas, o pré-requisito era de que morassem ou brincassem próximas as ruas mencionadas nas entrevistas dos adultos. Muitas dessas crianças são sobrinhos dos adultos que participaram das entrevistas.

Seis crianças são maiores de 10 anos e quatro menores, variando entre 05 e quatorze anos. 100% dessas crianças nasceram em Goiânia, prática comum no município que não conta ainda com boa rede de hospitais, contudo lá foram somente para nascer, pois sempre moraram em outro município. Das entrevistadas cinco sempre moraram em Hidrolândia, duas em Trindade e três em Goiânia (duas delas moraram em Hidrolândia - só atualmente moram na capital). Todos os que não moram disseram ir pra Hidrolândia quase todo fim de semana, pois têm parentes ali – avós ou pai.

Das dez crianças entrevistadas 8 moram com pai, mãe e irmãos, dois tem pais separados e moram com a mãe – uma em Hidrolândia e a outra em Goiânia. Apenas uma das crianças, a mais nova não tem irmão.

Oito dessas crianças disseram ser o trânsito ou a violência na rua – (“doido”, “maloqueiro”) o motivo dos pais, ou avós terem medo de deixá-los na rua brincando. Três dessas crianças são incentivadas a brincar na rua contando que observem essa questão. Duas não souberam nem responder por que os pais não permitem que fiquem na rua. Duas não podem de jeito algum ir pra rua, só brincam em casa. Essa questão já foi analisada nas entrevistas com os adultos que também disseram ser o trânsito e a violência o motivo do medo da rua, mas a observação participante e as intervenções provaram que esse não é um problema grave, capaz de justificar esse medo e esse impedimento das crianças brincarem neste espaço.

Todas as crianças que participaram do questionário tem acesso em suas casas: à TV, ao computador e ao videogame. Todos disseram passar muito tempo em frente à TV e jogando os jogos eletrônicos: “Tive de usar óculos de tanto ficar no videogame e no computador” (Criança 5). Três meninas disseram brincar de bonecas no ambiente virtual, mesmo tendo muitas bonecas em casa. Quando perguntados sobre o jogo que mais gostam de brincar a maioria lista jogos eletrônicos (ver tabela III), mas quando perguntadas sobre os jogos individuais ou coletivos dizem gostar mais dos coletivos. Contudo já listam o porquê de não brincarem: precisar de muita gente e ter que ser na rua. Na rua os pais tem medo, mas se não forem à rua como conhecerão mais amigos pra

brincar, se como disserem os adultos, os vizinhos são os principais “amigos de brincadeira na rua”?

Na tabela III abaixo, podemos perceber as respostas das crianças em relação ao que brincam atualmente e como agem em relação aos jogos e brincadeiras antigas<sup>7</sup>:

Tabela III: Brincadeiras citadas pelas crianças.

Brincadeiras citadas pelas crianças.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
TV	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Jogos no Computador	x	x	x		x	x	x	x	x	x
Vídeo game	x		x	x	x	x			x	x
Jogos de tabuleiro.	x									
Pipa						x		x		x
Polícia e ladrão				x	x		x			
Bicicleta				x		x		x		
Jogos com Bola	x				x	x	x	x		x
Carrinho				x		x				
“Arminha”.					x			x		
Boneca			x							
Quer aprender as brincadeiras antigas.	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Assim como os adultos as crianças alocam os jogos eletrônicos como um tipo de jogo, pois eles não conseguem perceber que o mesmo é apenas uma categoria que engloba todas as categorias midiáticas. Percebemos então que a maioria absoluta das crianças joga/brinca com os jogos eletrônicos e ficam muito tempo na TV e que as outras brincadeiras que fazem são feitas em casa sozinhos ou com o irmão<sup>8</sup>. Apenas a bicicleta e a pipa são realizadas na rua, na maioria das vezes sozinhos o que foi identificado na observação participante. Contudo todas as crianças demonstraram interesse em aprender as brincadeiras e jogos antigos, duas com algumas ressalvas descritas logo abaixo.

Uma das crianças disse não gostar de brincar na rua, mas se contradiz quando fala “não tenho interesse de aprender essas brincadeiras porque

<sup>7</sup> Os números correspondem às crianças entrevistadas, as perguntas do questionário podem ser vistas no Apêndice C, p. 92.

<sup>8</sup> Aqui confirmamos a estatística da Latinoamerica, o estudo Kiddo´s (Latin América Kids Study) escritos no capítulo 1 sobre a grande quantidade de tempo que as crianças passam na frente da TV.

ninguém mais brinca disso, se brincasse talvez eu iria querer aprender”(Criança 9), portanto o que falta-lhe é conhecer e praticar essas brincadeiras.

Outra criança, a mais velha, diz que por causa de um trabalho na escola da cidade conhece muitas brincadeiras antigas, não brincou na sua infância por causa do “transito” e que agora não “quer/pode” mais brincar, porque “essas são brincadeiras de criança e agora já sou grande” (Criança 1). Como disseram os adultos chega uma hora que as obrigações aumentam e as brincadeiras cessam; mais ou menos na mesma média de idade dos entrevistados essa menina já se vê afastada das brincadeiras por causa da grande carga horaria de trabalho e estudos. Portanto percebemos que dela foi retirado a possibilidade da interação com outras crianças, da atividade física vinda da “correria” dos jogos e brincadeiras e a interação com os adultos na transmissão da cultura da cidade. A escola lhe possibilitou o conhecimento dos jogos e brincadeiras antigas, mas foi lhe tolhida à prática dos mesmos.

## 2.3 CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.

### **2.3.1 A educação no processo de transmissão cultural: os jogos, os brinquedos e as brincadeiras de rua na cidade de Hidrolândia/GO.**

Como dissemos desde o início desse trabalho, a proposta da pesquisa-ação não foi ocasional, mas intencional já que por ela “poderíamos resgatar as ideias de grupos populares, com diálogos e aproximação crítica” (THIOLLENT, 2009, p. 119). Isso foi feito quando entrevistamos os adultos, observamos o ambiente e questionamos as crianças sobre os jogos e brincadeiras na década de 80 em Hidrolândia, mas para além de uma constatação em um trabalho de faculdade, desejávamos uma “transformação das ideias em ações”.

Michel Thiollent (2009), no seu livro Metodologia em Pesquisa – Ação, nos orientou a destinar o estudo à intervenção em situações reais, assim nos propusemos a fazer junto aos adultos e crianças uma ação prática em relação

ao problema constatado: o desaparecimento dos jogos e brincadeiras antigas nas ruas de Hidrolândia<sup>9</sup>.

O projeto de pesquisa-ação não impõe uma ação transformadora aos grupos de modo predefinido. A ação ocorre somente se for de interesse dos grupos e concretamente elaborada e praticada por eles (...). De modo geral deve-se abandonar a ideia de mudar os comportamentos dos outros. São os próprios atores que podem decidir se querem ou não mudar. No plano ético, é permitido ao pesquisador-ator auxiliar ou facilitar uma mudança somente se houver consentimento dos atores diretamente implicados (THIOLLENT, 2009, p.122).

Portanto a partir das entrevistas feitas aos adultos, e dos questionários feitos às crianças pudemos constatar a intensão de todos em ensinar e aprender os jogos e brincadeiras da década de 80 em Hidrolândia. Dessa forma nos propusemos a:

Possibilitar às crianças a aprendizagem dos jogos, brinquedos e brincadeiras que constituíram a ludicidade da infância de seus pais, tios e conhecidos durante a década de 1980 na cidade de Hidrolândia, bem como, estimular a transmissão destes saberes históricos por parte dos mais velhos junto às crianças na atualidade (Objetivo proposto no sequenciador de aula que conduziu a intervenção- Apêndice D p.95).

Para nos orientar na intervenção utilizamos a classificação dos jogos a partir da abordagem americana descrita por Sadi (2010). Assim os jogos foram distribuídos em quatro categorias. Os Jogos de invasão abarcam elementos de decisão, tomando como exemplo as expressões: “para quem devo passar a bola”, “quando devo passar ou driblar”, “quando e como atacar”, “quando e como defender” meu campo do adversário. Os jogos de rede/parede abarcam decisões importantes que estão baseadas nos seus limites físicos, como força, resistência, agilidade e no posicionamento do adversário. Os jogos de rebatida/campo e os jogos de alvo são essenciais para desenvolver técnicas variadas de rebatida e lançamento. Apenas um jogo de rebatida/campo foi citado, mas pelas entrevistas pareceu ser o preferido entre as crianças/adultos. Ao contrário do rebatida/campo os jogos de alvo são maioria nas práticas infantis do passado.

Os adultos lembraram as seguintes brincadeiras:

---

<sup>9</sup> Aqui nesse trabalho focado na Rua Joaquim Pires de Miranda com a Rua Joaquim Pereira Cardoso e na calçada do casarão em frente a essas ruas.

Bete	Rebatida e campo
Queimada	Alvo
Salve latinha	Outros
Barra manteiga	Outros
Caiu no poço	Outros
Casinha	Outros
Cozinhadinha	Outros
Passar anel	Outros
Biloca	Alvo
Pique pega	Alvo
Finca	Alvo
Paredão	Alvo
Baliza	Outros
Golzinho	Rede /parede
Peteca	Rede /parede
Polícia e ladrão	Alvo
Triângulo	Alvo
Pipa	Outros
Amarelinha	Outros
Pula corda	Outros

As crianças disserem brincar com as seguintes brincadeiras:

TV	Outros
Jogos no Computador	Jogos eletrônicos
Vídeo game	Jogos eletrônicos
Jogos de tabuleiro.	Outros
Pipa	Outros
Polícia e ladrão	Alvo
Bicicleta	Outros
Jogos com Bola-futebol e voleibol	Rede parede
Carrinho	Outros
“Arminha”.	Outros
Boneca	Outros
Queimada	Alvo

Para melhor categorizar os jogos e brincadeiras descritos pelos adultos e pelas crianças analisemos a tabela IV que especifica o:

I - Quantitativo de jogos/brincadeiras realizada pelos adultos na sua infância.

II- Quantitativo de jogos/brincadeiras que os adultos detectam ser pertencentes à cultura infantil na atualidade.

III - Quantitativo de jogos/brincadeiras realizadas pelas crianças na atualidade.

IV - Quantitativo de jogos/brincadeiras que as crianças gostariam de aprender na atualidade.

Tabela IV Categorização dos jogos e brincadeiras

<b>Categoria dos jogos/brincadeiras.</b>	<b>I</b>	<b>II</b>	<b>III</b>	<b>IV</b>
Invasão.				
Rede/parede.	2		1	
Rebatida/campo.	1			1
Alvo.	7	1	2*	
Eletrônicos.		2	2	
Outros.	10	2	7	
Não sabem identificar.				10**

\* Queimada, dizem saber da brincadeira, gostar dela, mas só brincam/jogam na escola.

\*\* Não sabem especificar os jogos e brincadeiras que os pais brincavam, mas disseram ter interesse em aprender- já ouviram falar do beto.

Por essas tabelas percebemos que os adultos tinham mais brincadeiras em sua infância que as crianças de hoje. Os adultos não tinham os jogos eletrônicos, mas tinham as brincadeiras de rua. As crianças têm os jogos eletrônicos, mas não brincam nas ruas. Num balanço de quem perdeu e quem ganhou, achamos que as crianças de hoje poderiam ganhar mais se juntassem o que tem hoje com as brincadeiras do passado, assim teriam a tecnologia que encanta a todos inclusive os adultos e os jogos e brincadeiras do passado que tanto contribuíam para a interação entre as crianças bem como o desenvolvimento mental, cultural e físico.

### **2.3.2 Conflito de gerações e tradição: planejamento, execução e análise de uma proposta de intervenção pedagógica tematizando os jogos e brincadeiras populares.**

A partir da análise das entrevistas pudemos ter as condições para focar o olhar nas observações participantes e nos questionários feitos com as crianças confirmarmos ou não o que fora dito antes pelos adultos. Com a vontade dos adultos em ajudar as crianças a aprender os jogos e brincadeiras antigas e na vontade das crianças em aprendê-las passamos a fase de preparação da intervenção.

No planejamento os jogos e brincadeiras foram elencados e colocados em tabelas pra melhor entendimento didático. As brincadeiras que mais se repetiam nas falas dos entrevistados foram privilegiadas bem como o espaço, o tempo e o significado que algumas delas poderiam gerar (o cigarrinho e o triangulo eram a mesma brincadeira, mas ensinamos o triangulo sem as caixinhas de cigarro como era na infância dos adultos- não pretendíamos de forma alguma incentivar essa prática; a pipa foi descrita como uma brincadeira antiga que ainda é vista nas ruas, então não a realizamos; o basquete de rua foi citado apenas por uma entrevistada e a finca necessitava de chão molhado e ferro com ponta, se no passado já deixava suas marcas em crianças experientes imagine em uma intervenção de apenas duas horas).

Renato Sadi (2010) nos guiou para a categorização dos jogos e brincadeiras e logo em seguida na organização de um sequenciador de aulas (Apêndice D, p.95). Cada jogo e brincadeira selecionada foi categorizada (tabela IV) e distribuído em 4 dias de 2 horas ( essas horas foram sempre estendidas, já que as crianças e os adultos se envolviam e não paravam mais; muitas vezes ouvia as crianças dizendo que na hora que a brincadeira ficava boa eu parava; sempre respondia: estou aqui hoje para ensinar, depois vocês brincam quanto tempo quiserem).

Para guiar a avaliação foi confeccionada uma ficha de avaliação da aprendizagem (Apêndice E p.107) contendo ali os aspectos, os instrumentos e os critérios avaliados em cada dia de intervenção. Todos os dias as crianças

eram observadas seguinte alguns critérios (por ela percebemos que muitas brincadeiras deixam algumas crianças deslocadas, ou seja, não se adaptam as suas idades e tamanhos, daí a confirmação da fala de adultos que dizem em sua infância serem colocados nos jogos e brincadeiras como “carta branca” – participa, mas não joga).

Pensamos em fazer as intervenções depois que o sol estivesse mais fresco, água foi disponibilizada numa mesinha que foi colocada na calçada para que as crianças e os adultos bebessem quando sentisse sede no segundo e terceiro dia de intervenção a moradora do Casarão e uma das entrevistadas, Edinamar preparou-lhes laranjinha, que adoraram degustar após as brincadeiras.

Alguns objetos que iríamos utilizar foram preparados na hora propositalmente pra que as crianças percebessem que não era difícil organizar os jogos e brincadeiras (exemplo: os riscos no chão para a amarelinha, o beto a queimada etc. fizemos com pedaços de tijolo, encontrados nas calçadas). A peteca foi confeccionada pela avó de uma das crianças, a bola e o golzinho outra criança levou, o paredão foi feito com uma bola macia dada na festa das crianças feita pela prefeitura, os litros usados no beto e no salve latinha foram de garrafa de refrigerante e Quiboa respectivamente, achados em casa mesmo. A bola de beto foi difícil de achar e todas as encontradas eram de um péssimo material que visivelmente não iria aguentar muito tempo (até a indústria contribui para o fim dessa brincadeira). A bola da peteca foi feita com meia e pedaços de tecidos jogados no lixo da Dona do Casarão – D. Romana; as crianças ficaram admiradas de se fazer uma bola, tão rápido e com tão pouca coisa (seria interessante se tivéssemos tempo fazer uma oficina com as crianças para ensina-las a confeccionar alguns brinquedos antigos, mas infelizmente não foi possível). As bilocas pertenciam a um dos entrevistados (Cleiton) que as emprestou de bom grado.

Todas as intervenções ocorreram na Rua José Pereira Cardoso com a Rua Joaquim Pires de Miranda, e na calçada do casarão em estilo colonial, local mencionadas pelos adultos nas entrevistas. A praça de “baixo” não foi usada por ter sido mencionada apenas uma vez nas entrevistas e por ser um

pouco mais longe das ruas, contudo todas as brincadeiras podem ser feitas nela sem problema.

Em todos os dias programados para as intervenções tivemos problemas com a quantidade de crianças que inicialmente nos propomos a trabalhar (15 a 20), muitas não foram e em alguns momentos tivemos que buscar e levar algumas em suas casas. Em todos os dias sempre tinha um ou dois adultos acompanhando as brincadeiras, no último dia havia vários sentados na calçada vendo e ensinando as crianças. Depois da segunda intervenção algumas crianças (meninos da rua de cima) já ficavam esperando e passando na porta querendo saber que horas ia começar as brincadeiras de novo. Após cada intervenção, as crianças continuaram brincando mesmo depois de dizer que havia acabado por aquele dia (mesmo com o fim da análise foram incentivados a continuar brincando).

As ruas não foram interditadas propositalmente para que as crianças aprendessem a brincar no trânsito que pudesse ocorrer. Em nenhum momento o trânsito pode ser considerado um problema para execução dos jogos e brincadeiras. Na última intervenção colocamos uns galhos de árvore que haviam sido cortados, na rua, mas só para que os carros os vissem e não passassem por lá – nesse dia havia mais crianças brincando - se os carros quisessem poderiam passar por cima como aconteceu duas vezes.

Ao final da segunda intervenção foi possível perceber que algumas amizades começaram, crianças se identificaram umas com as outras e depois das brincadeiras foram para a praça conversar sobre os jogos que haviam realizado e os jogos eletrônicos que fazem quando estão em casa.

De forma detalhada toda a organização da intervenção foi descrita no sequenciador de aula (Apêndice D, p.95). Agora exporemos de forma sucinta o que ocorreu em cada intervenção

Primeiro dia – jogos de rebatida/campo: bete - outras - amarelinha, passar anel e caiu no poço - No início achamos que as crianças não iriam aparecer, pois já havia passado do horário marcado e elas não chegavam. Quando vi algumas passando na porta aproveitei para chama-las e poder fazer

a intervenção. Nesse dia as crianças que vieram para brincar tinham idades variadas, foram ao todo 7 crianças. Destes dois eram bem novos com 5 e 6 anos, dois de 8, um de 9 e dois de 11. Antes de começar os jogos e brincadeiras, as crianças foram informadas do que aconteceria naquele dia em relação aos jogos e brincadeiras. Num diálogo com as crianças estabelecemos as regras de convívio social durante as atividades (não violência física ou verbal).

Na brincadeira de amarelinha todas as crianças disseram já ter brincado na escola, mas na hora de experimentar todas elas não conseguiram fazer a atividade sem que tivesse que explicar novamente e demonstrasse na prática. Mesmo com demonstração só as crianças acima de 8 anos conseguiram executar a brincadeira com certa desenvoltura, os menores não conseguiram entender e executar as regras. Observe abaixo:



**Imagem 1:** Criança de 9 anos pulando amarelinha

Nas brincadeiras de caiu no poço e passar anel, as crianças mais novas puderam se relacionar melhor com o objetivo proposto, já que não são difíceis e não precisa de muita prática. As crianças mais velhas (09 e 11 anos logo desinteressaram e perguntaram por outra brincadeira – queriam aprender o beto).



**Imagem 2:** Crianças e adultos na brincadeira de caiu no poço



**Imagem 3:** Crianças e Jacqueline brincando de passar anel.

No bete as crianças mais novas não conseguiram entender e nem praticar, só as crianças maiores de 9 anos conseguiram entender e praticar junto com os adultos (não entenderam com a explicação). Mesmo com os adultos ensinando e jogando com eles, as crianças acharam difícil entender no início, mas percebiam que o jogo era interessante e queriam continuar jogando. Ao final dessa primeira intervenção as crianças disseram ter adorado as brincadeiras e queriam aprender mais.



**Imagem 4:** Crianças e Cleiton brincando de bete.

Segundo dia jogos de rede/parede – peteca, salve latinha, barra manteiga e pique pega: Por causa da quantidade de crianças que aparecerem nesse dia tivemos que mudar as brincadeiras que estavam programadas; ao invés da segunda aula descrita no sequenciador ( Queimada-simples, equipe e americana- baliza e pula corda) fizemos a terceira (peteca, salve latinha, barra manteiga e pique pega). Apenas cinco crianças apareceram, mesmo depois de chamar algumas crianças que passaram pela rua.

Nessa intervenção tivemos a ajuda de apenas um adulto e por pouco tempo, tivemos então que participar efetivamente das brincadeiras, para ensina-los e completar os times. Começamos a brincar mais tarde, pois esperávamos a vinda de mais crianças; como não vieram mudamos a aula e brincamos apenas com as que chegaram (cinco crianças).

Montamos a rede de vôlei para o jogo de peteca (já tinha essa rede em casa, mas o jogo pode ser feito até com uma linha de cordão, ou mesmo sem nada). A rede foi colocada um pouco mais cedo pra que pudesse chamar a atenção das crianças que passassem na rua – a estratégia não deu muito certo, pelo menos achamos que não; contudo na terceira intervenção algumas crianças que apareceram disseram ter visto a rede na porta e terem se interessado, mas seus pais não permitiram que fossem ver o que era já que não conhecia quem estava propondo aquilo- só foram na terceira intervenção porque um de seus amigos (que mora em Goiânia e sabia da proposta) disse-

lhes do que se tratava e os chamou para participar. Jogaram peteca fora da rede, pra se acostumarem com esse brinquedo (foi feito artesanalmente pela vó de uma das crianças) e depois em duplas na quadra improvisada na calçada. Observem a imagem que se segue:



**Imagem 5:** Crianças brincando de peteca com a Edinamar.

O pique pega foi bem simples para as crianças, pois já sabiam como brincar, só acrescentamos algumas regras ou possibilidades de se brincar diferentes – pique no ar e pique stop. Nesse jogo apareceu o termo “vigiar caixão” quando o pegador ficava vigiando os que estavam em cima da calçada mais alta.



**Imagem 6:** Pique pega, na calçada.

Fomos para a barra manteiga, tive que participar dessa pra completar os “três marinheiros”, assim conseguia explicar melhor o que deveria ser feito. Aprenderam a música: “vamos três marinheiros na carroça do padeiro com uma perna só, feito rabió” e as perguntas e respostas - “O que vocês vieram fazer na nossa linda terra de ouro?” – “Muitas coisas” – “faz um pouquinho pra gente ver”. As crianças gostaram de imitar e descobrir as mímicas, não consegui tirar as fotos para ilustrar essa brincadeira, já estava muito escuro.

O save latinha foi feito a noite (não temos fotos dessa brincadeira também) o que o deixou mais interessante, pois tinham que procurar as crianças no escuro. Nessa brincadeira as crianças propuseram mudanças na regra, pois achavam difícil chegar na latinha e chuta-la sem que o que procurava dissesse seus nomes, expliquei o motivo de ser daquele jeito e que eles faziam errado ao sair correndo pra chutar a lata sem se esconder, mas mesmo assim quiseram mudar. Pra eles o que procurava teria que ir na latinha e falar o nome da criança que ele tinha achado, mas assim eles viram que o pegador sempre vigiava a lata e eles nunca conseguiriam chegar nela e chutar sem que ele visse. Depois dessa experiência voltaram a regra antiga e entenderam que pra chutar a lata eles teriam que se esconder até chegar na lata e não sair correndo pra chuta-la. Descobriram que o objetivo não era chutar a lata simplesmente, mas não serem descobertos até chutar a lata.

Terceiro dia – jogos de alvo - Queimada-simples, equipe e americana-baliza e pula corda: Apareceram mais crianças nesse dia, 10 ao todo e todas com idades entre 9 e 12 anos. A primeira brincadeira foi o paredão. As crianças no início acharam estranho ter que acertar a bola no colega que ficava na parede (dois irmãos queriam sempre acertar mais forte as costas do outro), entretanto com o desenrolar da brincadeira perceberam que o que fizessem com um, poderia ser feito com o outro depois, então ao final ninguém mais jogava a bola forte, pois a chance de errar era maior e na sua vez a vingança poderia acontecer. Disseram adorar essa brincadeira e não queriam parar pra ir pra outra, expliquei-lhes novamente que estava ali pra ensinar vários jogos e brincadeiras depois eles poderiam jogar o que quisessem o quanto quisessem.



**Imagem 7:** Crianças brincando de paredão.

A queimada as crianças esperaram com entusiasmo já que disseram conhecer da escola. Fizemos os riscos no chão com tijolo, dividimos as crianças e começaram o jogo no sistema mais simples, depois o de equipe e depois a americana; acharam difícil a última, mas jogaram assim mesmo, um aluno comentou já ter jogado na escola a queimada com pinos. Não tiveram problemas com esse jogo, mas queriam sempre queimar até serem advertidos pelos adultos da estratégia de trançar a bola pra conseguir carimbar e ganhar a partida. Não conseguiram usar a estratégia de trançar a bola, sempre queriam carimbar e por isso perdiam a bola, mas esse jogo é complexo em suas estratégias e ensinar isso demanda mais tempo que apenas uma hora.



**Imagem 8:** Crianças brincando de queimada.

Quando estavam cansados uma adulta começou a ensina-los a baliza, pois nessa brincadeira não precisariam correr. Ao verem a demonstração acharam fácil, mas na execução nenhum deles conseguiu sair do “zerinho”. Logo desanimaram e já descansados procuraram por outra brincadeira mais agitada.



**Imagem 9:** Edinamar ensinando as crianças a jogar baliza.

Passamos então ao pula corda, muitos acharam difícil, as meninas tinham mais desenvoltura, pois á haviam pulado na escola, mas não sabiam pular quando se colocava as musicas. Terminamos o dia marcando o nosso último encontro pra ou outro dia quando o sol estivesse mais fresco.



**Imagem 10:** Crianças brincando de pular corda

Quarto dia – jogos de invasão/alvo – golzinho, biloca e triangulo – Nesse dia também tínhamos 10 crianças, mas só uma menina. Para começar com o golzinho uma das crianças que tinha os dois golzinhos de ferro em casa, os trouxe pra rua juntamente com a bola. Nesse jogo não precisaram de muitas explicações, eles mesmos se dividiram e começaram a jogar.



**Imagem 11:** Crianças brincando de golzinho

Como havia uma menina de 12 anos e um menino de 6 anos que não queria jogar golzinho a eles foi ensinado um jogo de biloca. Logo os meninos do golzinho deixaram o futebol pelas bilocas. Jogaram com a ajuda de dois adultos o paredão, o quadrado e o carreirão. Adoraram as bilocas e não queriam jogar com as mais simples, escolhiam sempre as mais bonitas.



**Imagem 12:** Cleiton ensinando as crianças a jogar biloca

O triângulo tem certa alusão ao cigarrinho comentado pelos adultos como uma brincadeira de sua infância, para não executarmos uma brincadeira que pudesse estar ligada ao “cigarro” optamos por não fazê-la, contudo por ter um pequenino no grupo imaginei ser possível, já que usamos folhas de uma revista, chinelos e um triângulo no chão. Não foi-lhes dito que no passado as crianças jogavam com carteiras de cigarro.



**Imagem 13:** Crianças jogando triângulo.

Como começamos a brincar cedo nesse dia, algumas crianças que não estiveram na primeira e segunda intervenção pediram pra jogar o beto e a queimada. Jogamos com ajuda de muitos adultos que estavam conversando na calçada. Nesse dia pode-se perceber uma verdadeira interação entre adultos e crianças, os mais velhos conversavam na calçada, os tios brincavam com as crianças na rua no velho estilo domingo anos 80 em Hidrolândia.

Pelas entrevistas vimos que a cidade de interior não estava mais tão pacata como nos anos 80, com a urbanização e conseqüentemente o crescimento a cidade perdera em tranquilidade, o trânsito e a violência fizeram com que os pais temessem a rua e passassem a vigiar e “prender” seus filhos sob seus olhares; Será?

Ainda segundo os adultos as crianças de hoje estão fascinadas com os jogos eletrônicos e com a TV não se importando mais com as brincadeiras na rua; Será?

Pela observação participante, pelos questionários e pela intervenção o trânsito e a violência não podem ser os culpados pelo fim das brincadeiras nas ruas, talvez a tecnologia, mas não a que as crianças utilizam para brincar, mas a vista pelos adultos nos jornais e TVs.

O medo da violência vista o tempo todo nas mídias pode ter feito com que os adultos a transferissem para qualquer rua. Nesse sentido concordamos com a música de Humberto Gessinger “Muros e Grades” já citada no capítulo 1 e que aqui vem justificar esse argumento. Hoje vivemos,

Nas grandes cidades do pequeno dia-a-dia  
O medo nos leva a tudo, sobretudo a fantasia  
Então erguemos muros que nos dão a garantia  
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia.

O medo nos fez criar muros e grades, mesmo numa pequena cidade esses muros e grades foram encucado nas cabeças dos pais e repassados aos filhos, para eles a rua não é um lugar seguro. Em casa as crianças estariam protegidas sob os olhos vigilantes dos pais, da babá, da TV e do computador, no entanto essa segurança não passa de uma fantasia que apenas impede as crianças de viverem uma vida completa de interação, ludicidade e conhecimento, as deixando a mercê de outro tipo de violência que quando os pais começarem a perceber poderá ser tarde demais.

Outra fala dos adultos foi a falta de interesse das crianças pelos jogos e brincadeiras do passado por causa da tecnologia atual (jogos eletrônicos), o próprio questionário feito a elas pode constatar o contrário. Pareceu que elas brincam em casa com esses jogos por não ter a oportunidade de brincar na rua com mais colegas, pois todas elas disseram preferir os jogos coletivos aos individuais. Contudo segundo elas essas brincadeiras precisariam ser na rua (lugar proibido) com muitas crianças (coisa que hoje era impossível) e ainda precisariam aprender (pois ainda não as conheciam). As crianças só não entenderam ainda que todos esses problemas só podem ser resolvidos por seus pais, que precisam deixá-los ir à rua, ensiná-los a brincar e com o tempo mais e mais crianças aparecerão para brincar.

Terminamos as intervenções com a sensação de dever cumprido, mesmo não tendo a oportunidade de realizarmos os jogos e brincadeiras com

muitas crianças, tivemos a certeza que as que foram continuarão realizando e repassando para os outros colegas e vizinhos.

Os adultos puderem notar que o trânsito e a violência que eles tanto temem, ainda não chegou nessas ruas da cidade (e tomara que não chegue) e que eles podem ensinar seus filhos, sobrinhos e vizinhos com a certeza que eles estão sim interessados, só precisam ser incentivados.

Com pequenas atitudes podemos mudar o que nos incomoda em casa. Não precisamos deixar a educação somente a cargo da escola ou em alguns muitos casos a cargo da TV e da internet; é dever dos adultos repassar o conhecimento cultural a geração futura, isso é educar e preservar a memória de seu povo. Só assim conseguiremos manter a cultura lúdica do passado acesa nas brincadeiras do presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resta-nos agora tentar sintetizar todo esse trabalho de pesquisa-ação. Nesse momento lembro-me que este não foi um trabalho individual, mas de todos os adultos e crianças que de alguma forma contribuíram para a conclusão de mais essa etapa. Desde o início este trabalho não partiu apenas de uma vontade pessoal ou de obrigações acadêmicas; foi a vontade de resolver um problema diagnosticado nas conversas informais com amigos e vizinhos de uma cidade do interior.

Sabemos que o que pesquisamos e tentamos intervir não foi capaz de mudar nem mesmo a cidade de Hidrolândia, muito menos o mundo, mas temos a certeza que as ruas Joaquim Pires de Miranda e Joaquim Pereira Cardoso puderam reviver um pouco do que no passado era muito comum – os jogos e brincadeiras de rua.

O problema que norteou essa pesquisa foram os jogos e brincadeiras, ou melhor, a falta deles nas ruas, e conseqüentemente na vida das crianças de hoje. Percebemos em algumas entrevistas principalmente na fala de duas professoras do ensino infantil que algumas brincadeiras infantis como a amarelinha e a queimada ainda são ensinadas nas escolas, mas nunca vistas nas ruas. Nos questionários algumas crianças confirmaram essa questão quando citaram conhecer e brincar de amarelinha e de queimada, mas só na escola. Mesmo esse trabalho não tendo a escola como foco das pesquisas, percebemos ser ela ainda um lugar capaz de manter essa importante prática da cultura corporal tradicional, principalmente nas aulas de Educação Física (Essa questão poderia ser um tema futuro de novas pesquisas nessa área).

A escola não foi o foco desse trabalho, pois o incômodo maior estava, nas ruas vazias, ou melhor, nas casas cheias de filhos, sobrinhos e vizinhos atônitos em seus quartos em meio a jogos eletrônicos e programas de TV muitas vezes inadequados a suas idades. Essas crianças não estudam nas mesmas escolas, mas moram próximo umas das outras, porque não se conheciam e não brincavam juntas? Na infância dos pais, mães e tios

entrevistados todos os vizinhos das ruas de “baixo e de cima” eram conhecidos, brincavam e eram os melhores amigos; até mesmo aqueles que não estudavam juntos, não eram da mesma idade, da mesma cidade ou do mesmo sexo. O que fez com que as crianças ficassem “presas” em casa foi o que tentamos elucidar nessa pesquisa, mas mais do que isso como elas poderiam reverter esse problema.

A Educação Física não se limita a escola e a educação também não. Como bem descreveu Brandão (2005) a educação faz parte da cultura de um povo e, portanto pode ser aprendida em qualquer ambiente, até mesmo na rua. Vygotsky (1989) em sua teoria de Zona de Desenvolvimento Proximal deixou claro a importância da mediação do adulto na obtenção do conhecimento por parte das crianças, então porque os jogos e brincadeiras de rua deixaram de acontecer nas ruas de Hidrolândia ( e pelo que vemos na TV não só nas ruas de Hidrolândia)? Todas essas indagações foram as motivadoras para essa pesquisa e foram sobre elas que basearam as perguntas das entrevistas com os adultos, os questionários com as crianças e a observação participativa.

De modo geral, o motivo dado pelos adultos, para que as crianças não brinquem mais nas ruas é a violência (do trânsito – dizem ter aumentado consideravelmente e de pessoas – dizem haver drogados e delinquentes nas ruas) e ao próprio desinteresse das mesmas, já que hoje elas tem a tecnologia a seu favor ( jogos eletrônicos e TV). As crianças confirmaram nos questionários ter acesso a toda essa tecnologia de hoje em dia (todas tem em casa e disseram jogar com os jogos eletrônicos tanto no computador, no videogame ou mesmo no celular), também confirmaram não brincarem na rua por medo (dos pais) do trânsito e dos “doidos” (uma criança chegou a citar que nem sabia porque os pais não a deixava sair na rua de casa). O questionário das crianças contradisse os adultos quando percebemos que todas as crianças tem interesse de aprender os jogos e brincadeiras antigos e principalmente quando disseram gostar mais de jogos coletivos do que de jogos individuais.

Então o que as impedia de brincar na rua era: o trânsito, a violência e não conhecer as brincadeiras. A observação participante deu conta dos primeiros dois problemas e a intervenção do último. Pela observação

participante, percebemos que as referidas ruas não eram assim tão movimentadas como citaram os mais velhos e não foi em nenhum dia observado a presença de alguma pessoa que pudesse oferecer algum risco as crianças; entretanto foi constatado que as crianças não brincavam nelas.

Como o trabalho desde o início foi pensado para que o problema de não mais se brincar nas ruas fosse resolvido, nos propusemos a fazer uma intervenção com as crianças e os adultos. Em quatro dias de duas horas (alguns dias ultrapassamos esse limite já que brincar não tem hora pra acabar) reunimos adultos (os mesmos das entrevistas e outros que lá estavam no momento) e as crianças da rua ( até da rua “de baixo e da de cima” e de outras localidades da cidade) para brincar das mesmas brincadeiras citadas e descritas pelos adultos nas entrevistas ( algumas foram retiradas ou modificadas por causa do tempo, espaço e significado – cigarrinho por exemplo foi feito com papel de revista ao invés de caixinhas de cigarro, finca era necessário chão molhado e ferro com ponta). Superados no início a dificuldade de juntar as crianças ( duas vezes foi necessário buscar algumas crianças em suas casas e depois devolve-las lá), ao final já tínhamos crianças que não mais iam embora e revivíamos a mesma história da passado, os pais indo buscar os filhos porque demoravam pra ir pra casa.

Em resumo essa experiência pode mostrar aos pais que o mundo de hoje pode conviver com as mesmas brincadeiras de sua infância, precisam apenas que participem desse processo; antes essas brincadeiras eram repassadas de criança pra criança em suas práticas diárias nas ruas, como isso foi sendo perdido, hoje se faz necessário que os pais as ensinem e permitam que seus filhos saiam de casa para conhecer e aprender com o mundo lá fora. As crianças aprenderam que jogos eletrônicos podem ser jogados, mas que os jogos coletivos que elas disseram gostar tanto, só podem ser feitos na rua com a presença de muitos colegas e que isso só vai ser conseguido se eles saírem de casa.

Ao fim da intervenção percebemos uma maior interação entre adultos e crianças e entre crianças e crianças. Gostaríamos então que esses jogos e brincadeiras antigos não sejam de novo esquecidos e que adultos e crianças

possam continuar brincando e repassando-os a mais e mais crianças nas ruas da cidade de Hidrolândia e de onde mais estiverem. Só assim a cultura lúdica de nossa cidade poderá permanecer viva na história das gerações futuras, bem como propiciar a elas a prática saudável, divertida e interativa de exercícios físicos.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 44 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005. 116 p.

BRUHNS, Heloisa Turini Bruhns. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano VIII, nº9, p. 27-43, dez., 1996.

CARVALHO, José Jorge de. O jogo das bolinhas: uma simbólica da masculinidade. **Anuário Antropológico/87**. Editora Universidade de Brasília, 1990. PP. 191-221.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação física**. 10 ed. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

ELKONIN, D. **Psicologia do Jogo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

GUIMARÃES, Elaine Vargas; D'ALMEIDA, Paula Virginia Malatér. A educação física precisa do jogo?. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano VIII, nº9, p. 152-159, dez., 1996.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. 2ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 1990.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

LENZI, Lúcia Helena Corrêa. Resignificando jogos nas aulas de educação física, a partir das ideias de Vygotsky. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano VIII, nº9, p. 328-334, dez., 1996.

MARINHO, Alcyane. A educação física precisa do jogo?. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano VIII, nº9, p. 160-164, dez., 1996.

OLIVEIRA, Marta Kohl, Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz. Concepção de infância na educação física brasileira: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.26, n. 3, p. 95-109, Maio, 2005.

PICCOLO, Gustavo Martins. O jogo por uma perspectiva histórico-cultural. **In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, V.31, n.2 pp. 187-202, Janeiro de 1992.

RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Momentos do parque em uma rotina de educação infantil: corpo, consumo, barbárie. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 36, nº 3. p.673-684, set./dez., 2010.

SADI, Renato Sampaio. **Pedagogia do esporte: descobrindo novos caminhos**. 1ª Ed. São Paulo: Ícone, 2010.

SINSON, Olga Von, Visões singulares, conversas plurais. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

THIOLLEN, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TRIVINOS, A. N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

VIEIRA, Carmem Lucia Nunes; WELSCH, Nadége L. N. de. O lugar da infância e da formação humana na formação inicial em educação física. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano XIX, n. 29, p. 129-140, dez., 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fonte, 1989.

## **ANEXOS**

ANEXO A

## Roteiro de Observação Participante

Fim de semana ( x )                      Durante a semana (   )

Sábado – 10/08/13

1) Em relação aos locais onde os adultos disserem sempre brincar durante a infância existem crianças brincando hoje em dia? Qual o período em que acontecem as brincadeiras?

Quase não tem crianças brincando nas ruas.

A tarde uma menina (de uns 4/5 anos) passou de bicicleta com sua mãe, depois voltou e entrou em sua casa, não saiu mais. Um menino (de uns 12 anos) saiu de casa de bicicleta passeou pela rua e voltou pra casa (uns 5 min).

A tardezinha um menino de 11 anos saiu e se encontrou com outro de 09, brincaram de pipa por uns 10 min, pois a pipa enroscou no poste de luz e perdeu a rabiola, mesmo assim soltaram de novo com a rabiola menor, o vento acabou arrebatando a pipa e logo a brincadeira acabou. O menino de 11 anos ficou na calçada fazendo uma nova, mas não terminou.

De manhã e a noite não houve jogos e brincadeiras

2) Quais são as brincadeiras que as crianças hoje mais brincam? Estão brincando sozinhas ou com outras crianças? Tem a supervisão de adultos? Se sim, como os adultos se comportam em relação à brincadeira das crianças?

Bicicleta e pipa, sozinhas e com outras (pocas) crianças;

Os adultos estavam por perto, mas não interferiam nas brincadeiras, só olhavam.

3) As ruas são movimentadas em relação a trânsito de veículos? Existe alguma incidência de algum tipo de violência?

Passam carros, mas com pouca frequência. Não foi notado nenhum tipo de violência

4) As crianças utilizam de algum brinquedo em específico para jogar ou brincar? Se sim, são artesanais ou industrializados?

As crianças usaram bicicleta e pipa. A pipa era artesanal.

Durante todo o dia 4 crianças passaram pelas ruas de forma a dizer que elas brincaram.

## Roteiro de Observação Participante

Fim de semana ( x )                      Durante a semana (   )

Domingo 11/08/2013

1) Em relação aos locais onde os adultos disserem sempre brincar durante a infância existem crianças brincando hoje em dia? Qual o período em que acontecem as brincadeiras?

Não existem muitas crianças brincando, nas ruas, nem na praçinha.

A tarde uma criança passeou de bicicleta pela rua – sozinha.

Na Praça 7 adultos ( três homens e 4 mulheres conversavam no banco enquanto uma menina brinca no parquinho que tem dentro de uma quadra de areia – trepa-trepa.

2) Quais são as brincadeiras que as crianças hoje mais brincam? Estão brincando sozinhas ou com outras crianças? Tem a supervisão de adultos? Se sim, como os adultos se comportam em relação à brincadeira das crianças?

Brincam ou passeiam de bicicleta pela rua, sozinhas, sem a supervisão de adultos.

Na praça uma criança brinca sozinha sob a supervisão de adultos, mas sem a intervenção dos mesmos – apenas olham e advertem pra não se machucar.

3) As ruas são movimentadas em relação a trânsito de veículos? Existe alguma incidência de algum tipo de violência?

Não passaram muitos carros na rua. Não foi observado nenhum tipo de violência.

4) As crianças utilizam de algum brinquedo em específico para jogar ou brincar? Se sim, são artesanais ou industrializados?

Bicicleta e o parquinho (quebrado) da praça.

## Roteiro de Observação Participante

Fim de semana ( ) Durante a semana ( X )

Quarta – 14/08/13 – manhã

1) Em relação aos locais onde os adultos disserem sempre brincar durante a infância existem crianças brincando hoje em dia? Qual o período em que acontecem as brincadeiras?

Quase não tem crianças brincando nas ruas.

De manha algumas crianças passam de bicicleta pra ir pra escola.

Algumas mães levam seus filhos pra praça pra brincar nos brinquedos quebrados.

Duas crianças jogaram bola na praça.

2) Quais são as brincadeiras que as crianças hoje mais brincam? Estão brincando sozinhas ou com outras crianças? Tem a supervisão de adultos? Se sim, como os adultos se comportam em relação à brincadeira das crianças?

Bicicleta e bola, sozinhas e com outras (pocas) crianças;

Os adultos estavam por perto, mas não interferiam nas brincadeiras, só olhavam.

3) As ruas são movimentadas em relação a transito de veículos? Existe alguma incidência de algum tipo de violência?

Passam carros, mas com pouca frequência. Não foi notado nenhum tipo de violência

4) As crianças utilizam de algum brinquedo em específico para jogar ou brincar? Se sim, são artesanais ou industrializados?

As crianças usaram bicicleta e bola.

## Roteiro de Observação Participante

Fim de semana ( x )                      Durante a semana (   )

Sexta – 16/08/13

1) Em relação aos locais onde os adultos disserem sempre brincar durante a infância existem crianças brincando hoje em dia? Qual o período em que acontecem as brincadeiras?

Quase não tem crianças brincando nas ruas.

Na pracinha em raros momentos algumas crianças brincaram nos brinquedos que ficam na areia, sob a supervisão dos pais que ficam na parte de baixo sentados nos bancos e conversando.

Na praça apareceram crianças a tardezinha – 5:00/5:30 Brincaram por pouco tempo.

2) Quais são as brincadeiras que as crianças hoje mais brincam? Estão brincando sozinhas ou com outras crianças? Tem a supervisão de adultos? Se sim, como os adultos se comportam em relação à brincadeira das crianças?

Bicicleta - sozinhas. Com outras crianças brincaram de subir nos brinquedos (estragados) da praça

Os adultos estavam por perto, mas não interferiam nas brincadeiras, só olhavam.

3) As ruas são movimentadas em relação a trânsito de veículos? Existe alguma incidência de algum tipo de violência?

Passam carros, mas com pouca frequência. Não foi notado nenhum tipo de violência

4) As crianças utilizam de algum brinquedo em específico para jogar ou brincar? Se sim, são artesanais ou industrializados?

As crianças usaram bicicleta e os brinquedos da praça.

ANEXO B

## **Entrevista semiestruturada: adultos**

### **Dados de identificação**

Nome: Jacqueline Fernandes de Jesus

Idade: 33 anos

Local de nascimento: Goiânia

Em que local você residia no município de Hidrolândia/GO durante a década de 1980: Sempre morou em Goiânia

Grau de escolaridade: Superior completo

Profissão: Professora

Estado civil: Solteira

Tem filhos? Quantos? Qual a idade?

Não tem filhos, mas tem sobrinhos que frequentam muito sua casa.

1. Durante a sua infância nesta cidade, você participava de jogos e brincadeiras de rua? Se sim, em que local, turnos/horários e quem eram os sujeitos que brincavam com você? Para seus pais ou responsáveis o fato de jogar ou brincar na rua era um problema que gerava, ou não, conflito com os mesmos?

Brincava sempre, geralmente na rua ou nos quintais das casas (rua próxima ou em frente de casa). No período de aula geralmente brincava de tardezinha e a noite. Nas férias o dia todo.

Brincava com os vizinhos, mais ou menos da mesma idade, alguns um pouco mais velhos, outros mais novos, mas todos os meninos que iam chegando iam participando das brincadeiras.

Meus pais deixavam porque não tinha perigo algum, a rua era bem tranquila, não tinha tanto movimento, então eles não se importavam muito. Às vezes eles se importavam com o período, quando ia ficando muito tarde eles pediam pra deixar pro outro dia.

2. Qual era sua idade neste período? A faixa etária era determinante com relação ao tipo de jogos e brincadeiras que praticavam? Quais eram os nomes dos jogos e brincadeiras de rua que realizavam? Explique de que forma eram experimentados? Havia separação entre meninos e meninas para a realização destas atividades lúdicas? Quais eram realizadas separadamente e quais eram praticadas em conjunto?

A média de idade nessa época era de 5 a 12/13 anos. Geralmente nós tentávamos fazer com que todos tivessem a oportunidade de brincar; mesmo que fosse menor, nós mudávamos a brincadeira de acordo com que o menor conseguisse e a gente sempre tentava também brincar com os maiores.

Casinha, cozinhadinha, passar anel, bete, biloca, pique-esconde, pique-pega- queimada...

Casinha: como os quintais das casas eram grandes, geralmente a gente ficava em baixo das árvores, varria todo o espaço, fazia toda a separação ali e com a terra fazíamos as paredes. Tínhamos vasilhas que a mãe não usava mais pra brincar, pegava mesmo aquilo que era resto, o que era sobra; porque brinquedo mesmo quase não tinha. A gente inventava, fazia de conta que era as nossas vasilhas, as nossas coisas de casa e brincava, era a partir daquilo ali que surgia toda a brincadeira.

Cozinhadinha: pegávamos coisas de casa que os pais deixavam pegar, e algumas coisas que era meio tradicional da época que tinha muito nos quintais, como o “mata cumpade” que era uma folha que a gente cozinhava e comia junto com arroz.

Passa anel. Era interessante porque dava pra brincar com todas as idades. Pega um anel e coloca todos sentados em fileiras na calçada na porta das casas. Todos fechavam as mãos e uma pessoa ficava responsável por passar esse anel, ela escolhia uma pessoa pra deixar esse anel dentro das mãos e

depois pedia pra outra pessoa escolher, quem estaria com o anel se adivinhasse ela seria a próxima a passar o anel.

Bete: pegávamos litros de óleo colocava no meio da rua, pegava pedaços de cabos de vassoura ou cabos de rodo. Se jogava com 3 ou 4 pessoas, duas pessoas ficavam vigiando o litro, e tentando acertar a bola; as outras pessoas ficavam tentando derrubar o litro e ser os próximos jogadores. Quem completasse uma quantidade X de pontos ganhava a brincadeira.

Biloca: brincava entre meninos e meninas, o que eu tinha mais habito de jogar e gostava era quando furava uns buracos no chão dos quintais e a gente falava que eram as casinhas; o objetivo era acertar essas casinhas.

Pique esconde fazíamos no período da tarde com o sol mais fresco e com uma quantidade maior de pessoas se não, não ficava interessante. Começava com uma pessoa que era o piqueiro, os outros escondiam e ele tinha que contar durante um certo tempo, depois ele precisava encontrar os outros. Se alguém conseguisse salvar todo o grupo então aquela pessoa novamente teria que contar e começar de novo. Pra salvar tinha que chutar o litro, com o barulho todos ouviam e sabiam que estavam salvos e não precisava mais ficar escondido.

Queimada: Era motivo de confusão porque muita gente queria participar e as vezes não cabia todos. Nós mesmos fazíamos a bola, juntando meias velhas, sempre tinha os que gostavam de ficar uns com outros porque era melhor ou tinha uma pontaria melhor e isso dava um pouco de confusão.

3. De que forma você apreendeu a jogar ou brincar estas atividades lúdicas listadas acima? Quem eram os sujeitos (adultos, crianças mais velha ou da sua idade etc.) que lhe ensinaram estes jogos e brincadeiras? Com que idade deixou de realizar estas atividades? Após adulto (a), você ensinou, ou teve oportunidade de ensinar, crianças próximas do seu círculo de convívio social, os jogos e brincadeiras

populares que praticava na sua infância? Se sim, quais e em que situação? Como foi esta experiência e a receptividade das crianças?

Aprendia com os colegas e irmãos mais velhos. Naquele grupo quando alguém aprendia uma brincadeira nova ia passando pros outros.

Com 13/14 anos parei com as brincadeiras porque entrei como jovem aprendiz num curso de costureira.

Ensinei algumas sim, mas as crianças de hoje perderam um pouco dessas brincadeiras e muitas vezes elas não acham interessante, então a gente ensina, mas eles dizem – nossa essa não é uma brincadeira que eu quero, é uma brincadeira chata e ruim - não gostam muito.

Ensinei o pique pega, o pique esconde e o betê. Eles brincaram por um tempo bem pequeno não eram como nós que brincávamos a tarde toda; eles logo desinteressaram.

4. Você ainda mora no município de Hidrolândia/GO? Se não, tem o costume de realizar visitas a parentes ou conhecidos na cidade? As crianças de Hidrolândia/GO realizam jogos e brincadeiras de rua nas mesmas localidades que brincava durante a sua infância? São os mesmos jogos e brincadeiras que realizavam na sua época? Se sim, quais são eles? Você consegue identificar semelhanças e/ou diferenças no modo de brincar e/ou jogar da sua época? Se não, quais são os jogos e brincadeiras que elas realizam? De que forma você analisa as diferenças entre os jogos e brincadeiras da sua época e estas que são realizadas pelas crianças hoje? De que forma você analisa a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento das crianças?

Próximo das ruas onde brincávamos as crianças ainda brincam de pipa e de vez em quando de pique. As regras são parecidas e não vejo eles fazendo outras brincadeiras.

As crianças hoje preferem brincadeiras e jogos que não ocorrem nas ruas e que eles fiquem mais quietos e parados dá a impressão que eles têm preguiça de correr e brincar como nós brincávamos, com a mesma energia que nós brincávamos – eles não acham interessante e não tem a mesma motivação.

Eles não têm a mesma oportunidade que a gente tinha porque a realidade hoje do nosso município mesmo sendo ainda um município tranquilo e com as ruas onde nós moramos ainda sendo tranquilas; os pais geralmente não deixam e não gostam que os filhos fiquem nas ruas, pelo fato de que hoje já tem mais carros e isso trás mais perigo, pelo fato de moradores de rua que estão sempre próximos (porque nós moramos perto de uma pracinha que geralmente tem moradores de rua) e pelo fato também de usuários de drogas que podem oferecer drogas pra essas crianças, então os pais tem receio, tem medo de deixar seus filhos nas ruas.

Essas brincadeiras da minha época são mais saudáveis, muitas vezes não tem maldades e com certeza estaria desenvolvendo um pouco mais o raciocínio e o espírito de coletividade entre essas crianças. Não ter maldade é porque essas brincadeiras são mais puras o único interesse era se divertir e não ter a intenção de machucar, nem denegrir a imagem do outro, não existia muita discriminação e hoje percebemos que tem brincadeiras que discriminam muitas crianças, tem duplo sentido e que acabam ensinando coisas que essas crianças não precisam aprender nesse momento.

Minhas brincadeiras eram muito boas, nós éramos felizes por brincar dessa forma tanto é que nas férias nós nem sentíamos o tempo passar, nós não sentíamos como as crianças sentem hoje em suas férias, cansadas enjoadas e sempre querendo alguma coisa e nunca encontrando. Nós tínhamos pouco tempo na verdade, um mês, um mês e meio era pouco pra tanta brincadeira. Era muita diversão.

## **Entrevista semiestruturada: adultos**

### **Dados de identificação**

Nome: Renata Castro Nogueira

Idade: 33 anos

Local de nascimento: Goiânia

Em que local você residia no município de Hidrolândia/GO durante a década de 1980: sempre morou em Hidrolândia

Grau de escolaridade: Superior completo

Profissão: Professora

Estado civil: Casada

Tem filhos? Quantos? Qual a idade?

01 filho.

1. Durante a sua infância nesta cidade, você participava de jogos e brincadeiras de rua? Se sim, em que local, turnos/horários e quem eram os sujeitos que brincavam com você? Para seus pais ou responsáveis o fato de jogar ou brincar na rua era um problema que gerava, ou não, conflito com os mesmos?

Sempre brincava na porta da casa da minha tia, na porta de casa, na rua mesmo. Brincava a tarde com minhas vizinhas, as amigas da rua mesmo. Meus pais deixavam brincar na rua porque a cidade era muito tranquila.

2. Qual era sua idade neste período? A faixa etária era determinante com relação ao tipo de jogos e brincadeiras que praticavam? Quais eram os nomes dos jogos e brincadeiras de rua que realizavam? Explique de que forma eram experimentados? Havia separação entre meninos e meninas para a realização destas atividades lúdicas? Quais eram realizadas separadamente e quais eram praticadas em conjunto?

Tinha 8 anos nessa época de brincadeiras. Todas as crianças eram incluídas porque eram todos da mesma faixa

etária, do mesmo tamanho, brincávamos de bete, queimada, Salve latinha, barra manteiga, basquete na rua, de tudo um pouco, caiu no poço.

Bete: colocava uma latinha no meio e jogava a bolinha e você ia cruzar enquanto corria pra jogar a bola na latinha. Ganhava quem acertava a latinha, derrubava a latinha de óleo e aí cantava catinodé, catinodé...( até hoje não sei o que significa, mas fazia igual os outros faziam).

Queimada: era tipo 6 pra um lado 6 pro outro dividia a turma, e ia trançar, quem carimbava passava pro outro lado pra continuar trançando até acabar e vem quem ganhava.

Barra manteiga: Passava a mão e dava uns tapinhas o tapa mais forte que você desse na pessoa, você tinha que correr porque ela ia pegar você. Se ela pegasse você tinha que ficar do outro lado de lá.

Caí no poço: A gente falava - caí no poço quem me tira, aí tinha que dar um beijo no rapaz, podia ser no rosto...

Não havia separação entre meninos e meninas porque naquela época na queimada eu tinha um primo que jogava tão doído que doía as costas. Jogava com força que ficava a marca, não tinha regra pra isso.

3. De que forma você aprendeu a jogar ou brincar estas atividades lúdicas listadas acima? Quem eram os sujeitos (adultos, crianças mais velha ou da sua idade etc.) que lhe ensinaram estes jogos e brincadeiras? Com que idade deixou de realizar estas atividades? Após adulto (a), você ensinou, ou teve oportunidade de ensinar, crianças próximas do seu círculo de convívio social, os jogos e brincadeiras populares que praticava na sua infância? Se sim, quais e em que situação? Como foi esta experiência e a receptividade das crianças?

Aprendia na escola, na rua, com as crianças mais velhas até a da faca que jogava no chão e depois ia riscando.

Com uns 13 anos por aí, olha lá porque até pouco tempo nós brincávamos.

Na escola ensinei essas brincadeiras (queimada) e no momento elas gostaram e depois só na escola elas continuaram a brincar.

4. Você ainda mora no município de Hidrolândia/GO? Se não, tem o costume de realizar visitas a parentes ou conhecidos na cidade? As crianças de Hidrolândia/GO realizam jogos e brincadeiras de rua nas mesmas localidades que brincava durante a sua infância? São os mesmos jogos e brincadeiras que realizavam na sua época? Se sim, quais são eles? Você consegue identificar semelhanças e/ou diferenças no modo de brincar e/ou jogar da sua época? Se não, quais são os jogos e brincadeiras que elas realizam? De que forma você analisa as diferenças entre os jogos e brincadeiras da sua época e estas que são realizadas pelas crianças hoje? De que forma você analisa a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento das crianças?

As crianças de hoje não brincam das brincadeiras da minha época (nem conhecem) - só de soltar pipa - e não brincam de outras brincadeiras.

Eles não brincam na rua por causa da informação que vem do computador, porque eles ficam mais em jogos – tecnologia porque naquela época não tinha.

As crianças de hoje deveriam aprender as brincadeiras de antes porque foi muito bom, a gente interagia o corpo, a mente, tudo. Hoje as crianças ficam na frente da televisão do computador jogando e isso é muito pouco, não tem esporte. Na nossa época tinha muito esporte e a gente gastava muita energia.

## **Entrevista semiestruturada: adultos**

### **Dados de identificação**

Nome: Cleiton Bueno de Castro Ramos

Idade: 38 anos

Local de nascimento: Hidrolândia – Go

Em que local você residia no município de Hidrolândia/GO durante a década de 1980: Rua Joaquim Pereira Cardoso nº 879

Grau de escolaridade: Superior Completo

Profissão: Militar

Estado civil: Divorciado

Tem filhos? Quantos? Qual a idade?

1 filho de 10 anos

1. Durante a sua infância nesta cidade, você participava de jogos e brincadeiras de rua? Se sim, em que local, turnos/horários e quem eram os sujeitos que brincavam com você? Para seus pais ou responsáveis o fato de jogar ou brincar na rua era um problema que gerava, ou não, conflito com os mesmos?

Sempre participava de jogos e brincadeiras, e brincava na porta da casa dos colegas, na quadra de areia, na quadra esportiva do Colégio Estadual Augusta Machado, na tapera – próximo a casa minha vó. Brincava o dia todo e às vezes varava a noite. Brincava com os colegas da rua e colegas de meus amigos. Os pais não gostavam que fizessem bagunça nem que chegassem tarde em casa, mas nunca reclamaram de se brincar na rua.

2. Qual era sua idade neste período? A faixa etária era determinante com relação ao tipo de jogos e brincadeiras que praticavam? Quais eram os nomes dos jogos e brincadeiras de rua que realizavam? Explique de que forma eram experimentados? Havia separação entre meninos e meninas para a realização destas atividades

lúdicas? Quais eram realizadas separadamente e quais eram praticadas em conjunto?

A partir da idade de 12 a 13 anos nessa época. Normalmente tinha uma faixa etária por sermos crianças, a gente brincava com crianças da mesma idade, mas uma ou outra brincadeira envolvia adultos e crianças. Na época da quadra de areia era por faixa etária, porque na parte da tarde as crianças brincavam das 2:00 às 4:00, mas as 5:00 horas chegavam os adultos, davam cascudos nos menores e punha todo mundo pra ir embora, daí em diante eles assumiam a brincadeira.

Nomes das brincadeiras: futebol, finca, biloca, paredão, cigarrinho, triangulo, pique esconde, peteca...

Paredão, via-se quantas pessoas iram brincar, se tivesse 5 brincando abria-se 5 buracos ao lado do muro pra que cada buraco significasse uma casinha pra cada um dos participantes. Cada um ia arremessando a bola, quando a bola caísse dentro da sua casinha você corria pra pegar a bolinha e gritar pare e bola, nesse instante os outros participantes corriam o mais distante possível da casinha; ao se dar o grito de par e bola todos paravam e o dono da casinha escolhia uma pessoa pra se acertar com a bola, se acertasse, o que levou a bolada ganhava uma pedrinha dentro da sua casinha, completando 5 pedrinhas na sua casinha este iria para o paredão levar boladas nas costas dos seus colegas. Normalmente era uma brincadeira dolorida pra quem perdia.

Finca – faziam um objeto pontiagudo e ficavam arremessando ao chão, na época de terra hoje dificilmente se encontra um local pra brincar de finca – a fina era feita de ferro onde se fazia uma ponta com um esmerilo e dobrava a outra ponta pra que os mesmo pudesse ser arremessado ao chão. Ao acertar o chão riscava-o até o outro arremesso que havia sido feito; pra vencer você teria que trancar o adversário dentro de suas jogadas, mas este também estaria com outra finca e tentando fazer o mesmo com você, se o adversário fosse encurralado terminava a brincadeira.

Peteca: era feita artesanalmente pelos adultos com penas de galinha ou de galo.

Normalmente havia brincadeiras por categoria, ou homem ou mulher. Mas em algumas brincadeiras juntava-se homens e mulheres. No pique

esconde que se fazia a noite, no passar o anel, salada de fruta (escolhia-se um fechava os olhos dele e quem o estava segurando ia apontando seu braço pelos outros participantes, quando escolhia este deveria dizer o que ele queria fazer com ela, de acordo com o que indicaria as frutas – um aperto de mão, um abraço ou um beijo, o bom da brincadeira era, por exemplo, quando um homem escolhia outro homem e pedia pra dar beijo). Fazíamos a maior gargalhada era a maior brincadeira, uma curtição.

3. De que forma você apreendeu a jogar ou brincar estas atividades lúdicas listadas acima? Quem eram os sujeitos (adultos, crianças mais velha ou da sua idade etc.) que lhe ensinaram estes jogos e brincadeiras? Com que idade deixou de realizar estas atividades? Após adulto (a), você ensinou, ou teve oportunidade de ensinar, crianças próximas do seu círculo de convívio social, os jogos e brincadeiras populares que praticava na sua infância? Se sim, quais e em que situação? Como foi esta experiência e a receptividade das crianças?

Você ia pra rua e tinha os colegas que conheciam brincadeiras e cada um ia repassando pros outros, você sabia de uma ia passando pro outro e assim ia se inteirando de muitas brincadeiras. Normalmente não existia resistência quanto às brincadeiras novas, mas quando algum colega se achava mais fracos as vezes não queriam brincar daquilo então dava-se outra opção pra que todos jogassem. Entretanto as vezes havia exclusão sim, até porque não gostavam sempre de todas as brincadeiras.

Com 16 anos e a chegada da responsabilidade de ter que trabalhar parei de brincar, com exceção do futebol que sempre participava, mas as outras como bete, finca ficaram para trás.

Depois de adulto ensinei algumas brincadeiras a algumas crianças, principalmente as mais fáceis como biloca e bete, pois eram mais fáceis de passar e as crianças gostavam.

Ensinei as crianças próximas como: filho, sobrinhos, conhecidos e até quando estava passando na rua e via crianças brincando. Essas crianças gostaram das brincadeiras, pois não estão

acostumados com brincadeiras de rua só com brinquedos eletrônicos, computadores e o diferente os faz gostar daquilo. Depois de um tempo alguns continuaram brincando, mas o complicado dessas brincadeiras que você não brinca sozinho, você tem que ter alguém pra brincar com disposição e as vezes nem sempre eles tem, porque raramente as crianças estão saindo de casa – elas tem a ocupação lá dentro( computador , vídeo game) então as vezes ficam com preguiça de sair pra brincar na rua, também tem a violência, tem o risco de acidente na rua com o transito complicado que existe hoje.

4. Você ainda mora no município de Hidrolândia/GO? Se não, tem o costume de realizar visitas a parentes ou conhecidos na cidade? As crianças de Hidrolândia/GO realizam jogos e brincadeiras de rua nas mesmas localidades que brincava durante a sua infância? São os mesmos jogos e brincadeiras que realizavam na sua época? Se sim, quais são eles? Você consegue identificar semelhanças e/ou diferenças no modo de brincar e/ou jogar da sua época? Se não, quais são os jogos e brincadeiras que elas realizam? De que forma você analisa as diferenças entre os jogos e brincadeiras da sua época e estas que são realizadas pelas crianças hoje? De que forma você analisa a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento das crianças?

Raramente vejo brincadeiras de rua, as vezes vejo as crianças brincando de bola, bem raríssima as vezes vejo brincando de peteca ou queimada, mas muito pouco.

Tudo é evolução, nada é igual, na época dos meus pais talvez eles tivessem brincadeiras diferentes das nossas e da mesma forma nossos filhos hoje. Às vezes eles não têm a mesma disposição, o mesmo interesse pelas coisas que a gente tinha na época. Hoje eles tem condições de brincar nas suas casas, com play station, x box, computador; tudo isso pra eles é bem mais fácil do que ir pra rua, colocar o pé no chão, ficar correndo atrás de bola, correr o risco de se machucar, pra eles é mais cômodo a brincadeira dentro de casa.

Com certeza o bom seria fazer uma mescla com as brincadeiras dentro de casa e as de rua, porque na rua você meche o corpo, não fica sedentário.

Hoje se vê muitas crianças com 8/9 anos com excesso de peso porque ficam em casa, sentadas, comendo e jogando no computador e se eles fossem pra rua eles estariam andando, correndo e provavelmente queimando calorias.

Seria bom uma interação dos jogos antigos com os de hoje. Eu gostava das minhas brincadeiras e não trocava minhas brincadeiras de antes com as de hoje. Era agradável reunir 10 15 pessoas da sua comunidade, da sua região, brincando de bola ou bete; mesmo perdendo ou tendo que ficar de próximo e ver seu colega brincar era melhor do que brincar no computador que só joga 1 ou dois, muitos ficam de fora e se espera muito pois os jogos são grandes

## **Entrevista semiestruturada: adultos**

### **Dados de identificação**

Nome: Eder Fernandes de Souza

Idade: 30 anos

Local de nascimento: Hidrolândia

Em que local você residia no município de Hidrolândia/GO durante a década de 1980: Sempre morei em Hidrolândia

Grau de escolaridade: Superior Completo

Profissão: Administrador

Estado civil: Casado

Tem filhos? Quantos? Qual a idade?

Não tem filhos, mas tem sobrinhos.

1. Durante a sua infância nesta cidade, você participava de jogos e brincadeiras de rua? Se sim, em que local, turnos/horários e quem eram os sujeitos que brincavam com você? Para seus pais ou responsáveis o fato de jogar ou brincar na rua era um problema que gerava, ou não, conflito com os mesmos?

Sim, pois as brincadeiras que a gente tinha eram na rua.

Brincava na porta de casa mesmo e normalmente no horário oposto ao que eu estudava – estudava à tarde, então brincava muito de manhã. Brincava com vizinhos, e minhas irmãs. Era normal brincar na rua naquela época os meus pais não se incomodavam.

2. Qual era sua idade neste período? A faixa etária era determinante com relação ao tipo de jogos e brincadeiras que praticavam? Quais eram os nomes dos jogos e brincadeiras de rua que realizavam? Explique de que forma eram experimentados? Havia separação entre meninos e meninas para a realização destas atividades lúdicas? Quais eram realizadas separadamente e quais eram praticadas em conjunto?

Todos brincavam tinha pessoas com até 10 anos mais velhos que brincavam com a gente, os mais novos eram carta branca – brincava só pra participar, mas não era levado a sério, só pra não chorar.

Salva latinha, pique pega, polícia ladrão, bete, queimada...

Polícia e ladrão separava dois times saía um pra cada lado e era um grupo contra o outro, correndo atrás uns dos outros com armas de brinquedo.

Salva latinha tinha uma pessoa que ficava responsável por guardar a latinha e todos os outros escondiam pela rua. Quem guardava a latinha tinha que sair procurando os outros e quem estava escondido tinha que chutar a latinha e salvar todos os que já tinham sido pegos.

Queimada: Fazia dois grupos – separavam dois times. Fazia uma risca no chão com tijolo ou giz mesmo no formato de quadra de vôlei. Um time ficava com uma bola de meia e tinha que acertar os outros do outro time. Tinha regra como não passar da linha a pessoa podia segurar a bola e o oponente sair, tinha algumas regras, mas na verdade nem me lembro bem, pois já faz algum tempo. Como era uma bola de meia a gente não media muito a força não.

Bete: A gente colocava duas latas no chão e fazia uma bola pra essas latas. Duas pessoas ficavam com um bastão guardando a lata e numa risca mais afastada num determinado espaço – a gente contava com passos – por trás dessa linha outros dois oponentes ficavam com a bola pra tentar derrubar a lata. Quem estava com o bastão podia betar - rebater a bola com o bastão- quando acertava iniciava uma contagem e quem contasse mais vezes ganhava, mas quando o oponente derrubava a latinha eles que pegavam o bastão e começavam a contar se betassem.

Não necessariamente havia separação entre menino e menina, nas brincadeiras era bem misturado, jogávamos juntos. Mas no golzinho- quando colocava as duas pedras lá na rua

geralmente mulher não jogava muito, mas acontecia de às vezes jogar.

3. De que forma você apreendeu a jogar ou brincar estas atividades lúdicas listadas acima? Quem eram os sujeitos (adultos, crianças mais velha ou da sua idade etc.) que lhe ensinaram estes jogos e brincadeiras? Com que idade deixou de realizar estas atividades? Após adulto (a), você ensinou, ou teve oportunidade de ensinar, crianças próximas do seu círculo de convívio social, os jogos e brincadeiras populares que praticava na sua infância? Se sim, quais e em que situação? Como foi esta experiência e a receptividade das crianças?

Normalmente as crianças mais velhas ensinavam os mais novos e jogando como carta branca a gente já ia aprendendo também. Na pré-adolescência com a idade de 12 /13 anos já deixei de brincar dessas brincadeiras.

Depois de adulto nunca ensinei meus sobrinhos, oportunidade teve, mas nunca ensinei, não sei se por falta de paciência ou por falta de interesse deles. Eles hoje não conhecem as brincadeiras da minha época e conhecem outras como jogos eletrônicos, e não sei, acho que não tem tanto interesse por essas brincadeiras mais e também como eram brincadeiras na rua e hoje não é a mesma coisa de antes pois o risco de uma criança ficar na rua é maior do que antes – mais trânsito.

4. Você ainda mora no município de Hidrolândia/GO? Se não, tem o costume de realizar visitas a parentes ou conhecidos na cidade? As crianças de Hidrolândia/GO realizam jogos e brincadeiras de rua nas mesmas localidades que brincava durante a sua infância? São os mesmos jogos e brincadeiras que realizavam na sua época? Se sim, quais são eles? Você consegue identificar semelhanças e/ou diferenças no modo de brincar e/ou jogar da sua época? Se não, quais são os jogos e brincadeiras que elas realizam? De que forma você analisa as diferenças entre os jogos e brincadeiras da sua época e estas que são

realizadas pelas crianças hoje? De que forma você analisa a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento das crianças?

A única brincadeira que ainda vejo da minha época na rua hoje é soltar pipa. Eles hoje brincam de vídeo game, televisão; não ficam na rua e em raras às vezes ficam na rua soltando pipa ou andando de bicicleta.

Hoje as brincadeiras estão voltadas para os jogos eletrônicos, pessoal não brincam mais nas ruas. Os pais não tem a mesma confiança de deixar os filhos nas ruas e antes era supernormal, alias não se brincava dentro de casa, porque tinha que arrumar a casa e se quisesse brincar tinha que ser na rua, hoje é totalmente o contrário.

Faz parte da evolução, as crianças brincarem de outra coisa, pois o mundo mudou e apesar de ser uma cidade de interior o transito aumentou consideravelmente, não se compara a uma cidade grande, mas tem um transito bem maior que tinha antes, então eu acho que é uma evolução mesmo, seria interessante as crianças aprenderem as brincadeiras do passado, mas não na rua, talvez em um lugar específico, mas não na rua.

## **Entrevista semiestruturada: adultos**

### **Dados de identificação**

Nome: Edinamar Bueno de Souza

Idade: 40 anos

Local de nascimento: Nascida e criada em Hidrolândia

Em que local você residia no município de Hidrolândia/GO durante a década de 1980:

Grau de escolaridade: Superior completo

Profissão: Professora

Estado civil: Solteira

Tem filhos? Quantos? Qual a idade?

Não tem filhos, mas tem contato com os sobrinhos, crianças da rua e seus alunos

1. Durante a sua infância nesta cidade, você participava de jogos e brincadeiras de rua? Se sim, em que local, turnos/horários e quem eram os sujeitos que brincavam com você? Para seus pais ou responsáveis o fato de jogar ou brincar na rua era um problema que gerava, ou não, conflito com os mesmos?

Participava de brincadeiras de rua, e brincava na rua, na casa das colegas e na escola. Brincava geralmente depois do almoço porque eu estudava de manhã, brincava com meus vizinhos, os vizinhos das ruas de baixo e meus colegas da escola (muitos moravam perto de casa porque a cidade era muito pequena). Depois que passava das 5:00 era conflito porque minha mãe ficava gritando, eu tinha que fazer janta, e desde os 8/9 depois que passava das 5:00 horas ela ficava me gritando.

2. Qual era sua idade neste período? A faixa etária era determinante com relação ao tipo de jogos e brincadeiras que praticavam? Quais eram os nomes dos jogos e brincadeiras de rua que realizavam? Explique de que forma eram experimentados? Havia

separação entre meninos e meninas para a realização destas atividades lúdicas? Quais eram realizadas separadamente e quais eram praticadas em conjunto?

Brincava dos 7 aos 12 anos em Hidrolândia, nessa época. Geralmente eu sempre ficava de bandeirinha branca, porque as brincadeiras eram as vezes mais pesada, e eu era menor então eu participava, mas não era pra valer. Eu participava, mas seu fosse carimbada num jogo de queimada, por exemplo, não contava ou já entrava queimada.

Queimada, finca, bete, salva latinha, paredão, biloca, casinha, baliza...

Queimada: Dividia as turmas, tirava par ou ímpar, escolhia quem ia ficar em cada time (eu sempre ficava de bandeirinha branca, me colocavam no time só pra completar). O carimbador era quem pegava a bola e tentava carimbar o outro, ou o mais forte ou o mais esperto. Se carimbasse a pessoa tinha que ir pra sua linha e ia tentar te carimbar.

Finca: eu até levei uma fincada no dedo. Cada um com sua finca, quanto mais amolada mais forte seria pra fincar no chão geralmente em tempo de chuva porque o chão ficava mais molhado. Podia brincar de 2, 3 de quantos quisesse, ia fincando e montando casinhas se era dois jogadores, montava dois triângulos, jogava e ia riscando, no final ficava um monte de risco no quintal. Eu não tinha muita experiência dei uma fincada no dedão, teve que correr comigo lá pro postinho pra tirar a finca do dedo.

Bete: Arrumava-se duas duplas, um litro de óleo de metal que as vezes a gente colocava areia, ou pedra pro vento não levar, fazia um círculo no meio e colocava esse litro, fazia também duas marcas. Um ficava no meio com um pedaço de travessa, ou de pau protegendo o litro para o litro não cair e a outra dupla jogava a bolinha. Geralmente era uma bola de meia ou outra coisa redonda, não era dessa época que tinha bolinha própria para bete. Tentava jogar, se derrubasse o litro, a pessoa perdia e

eu que ia ser a protetora do litro. Se o que estava protegendo a bolinha encostasse na bolinha tinha que tentar jogar ela o mais longe possível e com seu companheiro iria contar de 1 a 100 ou 200 e quem conseguisse chegar primeiro fazia a queda, a outra dupla tinha que correr atrás da bola. Se era aqui na rua sempre a bolinha caía na casa do vizinho que tinha cachorro e uns vizinhos enjoados que as vezes não devolvia a bola e se caísse direto a gente já tinha medo de ir lá na casa pegar a bolinha, então já tinha umas bolinhas de reserva e quando alguém jogava já brigava – Pra que que vai joga lá no Gabriel - porque sempre dava briga, o quintal dele era enorme e a bola sempre caía na casa desse Gabriel.

Paredão: era feito com bola de meia, brincava lá em casa eu e meus irmãos e tinha uma casinha que era tipo o banheiro da casa, era no quintal. A pessoa ficava nessa parede de braços abertos e a outra tentava te acertar e quem conseguisse acertar ia fazendo pontuação. Geralmente jogava com muita força e machucava.

Biloca: ou fazia de dupla ou quem tinha mais biloca chamava pra jogar. Jogava-se o catoião, que era a biloca maior, perto da parede todos davam uma distância e ia tentar primeiro acertar o mais próximo do catoião. Depois vinha o outro e tentava acertar ou o catoião ou a bolinha que já tinha sido jogada, quando mais bolinha tiver no terreiro melhor. Se acertasse o catoião você ganhava todas as que já tinham sido jogadas. Outro jeito era a biloca corrida saia jogando e correndo sem um espaço determinado pra ela ficar.

Baliza: Joguinho que se faz com pedras, geralmente pedra que não quebra fácil, nessa época não tinha asfalto na cidade e quando passava a patrula ela ia tirando as pedras e a gente ia escolhendo as pedras mais lisas que não quebravam e não desmanchavam e já fazíamos o grupinho das pedras (geralmente pedra de areia, as branquinhas são as melhores). Podia brincar de 2/3/4 pessoas quantas quisessem e bom era fazer em cimento

liso pra poder correr na mão, só que a gente não tinha, tinha era a calçada que era cimento grosso, então a gente jogava ela (pedras) de 1 até 12, nos espaços. Jogava de 5 pedras, cada um tinha 5 pedras. Pra saber quem ia jogar primeiro jogava as 5 pedrinhas nas costas das mãos, se você conseguisse segurar as cinco era garantido que você seria a primeira se a outra não conseguisse ela já saia perdendo, começava então aquela que tinha conseguido segurar mais pedras nas costas da mão. Depois ia jogando no espaço, ia tirando de uma a uma essa era a primeira parte, depois dessa etapa vai tentar tirar de duas e duas, se passar por essa parte sem deixar cair passa pra tirar de três em três, de quatro em quatro, de cinco em cinco, se eram duas pessoas iam ficar 10 pedras no espaço, depois tentava voltando, se você tivesse conseguido passar pelas dez etapas você iria fazer voltando 10-9-8... até chegar no zerinho que seria jogar a pedrinha pra outra costa da mão.

Geralmente baliza quem jogava era só menina, de casinha meus irmãos brincavam, os vizinhos também. Na queimada havia maior mistura de meninos e meninas

3. De que forma você apreendeu a jogar ou brincar estas atividades lúdicas listadas acima? Quem eram os sujeitos (adultos, crianças mais velha ou da sua idade etc.) que lhe ensinaram estes jogos e brincadeiras? Com que idade deixou de realizar estas atividades? Após adulto (a), você ensinou, ou teve oportunidade de ensinar, crianças próximas do seu círculo de convívio social, os jogos e brincadeiras populares que praticava na sua infância? Se sim, quais e em que situação? Como foi esta experiência e a receptividade das crianças?

Aprendia observando outros que estavam brincando, ou da mesma idade ou maiores. Na escola era só queimada, mas também brincava de baliza porque o cimento era liso e dava pra brincar “bom”. Na escola não tinha professor de Educação Física, só fomos ter da 5ª série pra frente. Do 1º ao 4º ano era só uma

professora e as não iam muito pro pátio; não brincavam com a gente não; brincava só entre nós mesmo.

Hoje eu brinco com meus alunos, mas só recreação no pátio com queimada. Com 12/13 anos deixei de brincar porque as responsabilidades foram aumentando e não tinha mais tempo.

Eu sempre ensinei pros meus sobrinhos e pros meus alunos na escola. Ensinei queimada, bete e a baliza ainda não. Meus sobrinhos falam que é brincadeira do tempo do “ronca”, brincadeira antiga, mas depois que a gente ensina eles gostam, vêm que é animada, divertida e os alunos também, mas eles preferem mais essas músicas da moda, é dançar e não gostam muito não, só os menores mesmo. As crianças são bem de momento, se a gente estiver junto eles brincam se não, não. Ah tem também a amarelinha que a gente brincava muito e na escola ainda acontece muito, a amarelinha, a pula corda, a queimada é o que mais tem. Depende da idade, tem criança que prefere um tipo de brincadeira e outras não.

4. Você ainda mora no município de Hidrolândia/GO? Se não, tem o costume de realizar visitas a parentes ou conhecidos na cidade? As crianças de Hidrolândia/GO realizam jogos e brincadeiras de rua nas mesmas localidades que brincava durante a sua infância? São os mesmos jogos e brincadeiras que realizavam na sua época? Se sim, quais são eles? Você consegue identificar semelhanças e/ou diferenças no modo de brincar e/ou jogar da sua época? Se não, quais são os jogos e brincadeiras que elas realizam? De que forma você analisa as diferenças entre os jogos e brincadeiras da sua época e estas que são realizadas pelas crianças hoje? De que forma você analisa a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento das crianças?

Na rua tem muito pouco as brincadeiras da minha época, por causa da rua não ser mais tão segura, os pais não tem confiança mais de deixar os meninos sem um adulto por perto, mas se tiver acredito que eles vão gostar- se brincar com eles.

Hoje eles estão mais envolvidos com a televisão, com o videogame, estão mais sedentários. Não vejo eles tão interessados por causa da violência e por querer ficar dentro de casa vendo televisão, do que ficar na rua gastando energia fazendo amizade do lado de fora.

A diferença dos jogos de hoje com da minha época está ligado à falta de segurança, os pais que não ficam em casa, os meninos ficam com as babás, o acúmulo de atividades que os meninos fazem da escola – quase não sobra tempo. Então as vezes no final de semana é que eles brincam.

Tem que estar difundido, igual o folclore, porque essas brincadeiras fazem parte do nosso folclore e os adultos que tem conhecimento dessas brincadeiras não podem deixar acabar e devem ir passando.

Os jogos na minha época era um tempo livre que a gente tinha pra ficar na rua onde a gente andava descalço sem preocupação com roupa não tinha problema com segurança, conhecia todo mundo, passeava pra todo e qualquer lugar; tinha mais liberdade e segurança. Hoje em dia a gente fica com medo de deixar a criança até pra ir comprar um pão, você não libera. Vejo pelos meus sobrinhos, tenho um sobrinho de nove anos que não da conta de ir num lugar porque tem medo, porque a gente passa medo neles- vai e não conversa com ninguém, não da atenção pra ninguém, vai e volta correndo. No meu tempo não, desde os 7 anos já comprava pão e andava pra tudo quanto era lugar já tinha uma certa esperteza que esses meninos de hoje não tem.

O tamanho da cidade mudou, a cidade cresceu, muitas pessoas vem pra cá e a violência vai aumentando, e na minha época todo mundo era conhecido, vizinho, amigo ou parente; hoje a gente quando libera, o sobrinho mesmo, a gente já da um tempo – 5 minutos, vai por esse lugar; então você já solta, mas puxando.

ANEXO C

**Questionário aberto Crianças**

Nome:

Ano:

Turno:

1. Idade:

2. Naturalidade:

3. Local de Moradia:

4. Com quem você mora?

( ) pai ( ) mãe ( ) avós ( ) tios ( ) primos ( ) irmãos

5. Você tem irmãos?

( ) Sim ( ) Não Quantos? Uma irmã

6. Você brinca com eles?

( ) Sim ( ) Não Porque?

7. Quais desses itens você possui em casa?

( ) TV ( ) TV à cabo ( ) computador ( ) aparelho de som

( ) livros ( ) revistas ( ) gibi ( ) jornal ( ) videogame

1- Você gosta de brincar na rua ou em casa? Seus pais permitem que você brinque na rua? **Se sim**, em qual (is) local (is)? Em que horários? **Se não**, porque não?

2- Quais os jogos/brincadeiras que você realiza em casa? E na rua? Você poderia descrever como são praticados esses jogos e brincadeiras? Eles têm a participação de outras crianças? Com quem e onde você aprendeu estas brincadeiras? Nas suas brincadeiras sempre tem meninos e meninas ou é separado? E crianças de idade diferentes da sua, podem brincar também ou você as exclui?

- 3- Quais são suas brincadeiras preferidas? Qual você prefere - jogos individuais ou coletivos? Você conhece jogos e brincadeiras antigas? Quais? Você brinca, ou já brincou? **Se sim**, o que achou? **Se não** gostaria de aprender sobre as brincadeiras antigas que aconteciam aqui nessas ruas na época de seus pais e tios?

ANEXO D

**Universidade Federal de Goiás**

**Faculdade de Educação Física**

**Hidrolândia/GO**

**Área: Pedagogia da cultura corporal – Sequenciador de Aulas**

**Planejamento de Conteúdos Curriculares da Intervenção**

<b>Objetivos do programa</b>	<b>Aulas</b>	<b>Assuntos/Temas</b>	<b>Procedimentos metodológicos</b>	<b>Princípios pedagógicos</b>	<b>Avaliação/Observações</b>
<p><i>Objetivo Geral</i></p> <p>Possibilitar às crianças a aprendizagem dos jogos, brinquedos e brincadeiras que constituíram a ludicidade da infância de seus pais, tios e</p>		Jogos e brincadeiras	<p>Tempo pedagógico: 04 intervenções de 2 h. cada.</p> <p>Espaço físico: Rua Joaquim Pereira Cardoso com a Rua Joaquim Pires de Miranda – Hidrolândia/GO.</p> <p>Materiais pedagógicos: Bolas, petecas, redes, tacos (cabo de vassoura), latas, bilocas, finca, pipas, piões e</p>	Cooperação,	Esta será realizada a partir de uma tabela avaliativa (arquivo anexo) que identificará/analizará as dimensões instrucionais, disciplinares e de hábitos e valores apreendidos ou não durante o processo de ensino aprendizagem.

<p>conhecidos durante a década de 1980 na cidade de Hidrolândia, bem como, estimular a transmissão destes saberes históricos por parte dos mais velhos junto às crianças na atualidade.</p>	4	<p>populares pertencentes à cultura infantil da cidade de Hidrolândia na década de 1980 vivenciadas no espaço público da rua: bete, queimada, salve latinha, barra manteiga, caiu no poço, paredão, passar anel, biloca, pique pega, baliza, golzinho, peteca, polícia e ladrão, triângulo, amarelinha e pula corda.</p>	<p>cordas</p> <p>Sequência didática:</p> <p>1º passo: reunir as crianças em um círculo na calçada do casarão que é referência na rua e explicar o será feito nos dias da intervenção. Realizar um contrato pedagógico das regras de convívio social durante a atividade (violência física e/ou verbal).</p> <p>2º passo: Explicar a dinâmica das atividades propostas e organizar as crianças para a vivência/aprendizagem das mesmas.</p> <p>3º passo: Realizar os jogos e brincadeiras, bem como mediar o processo de ensino aprendizagem a partir das necessidades dos</p>	disciplina e participação.	Possibilitando ressignificar e qualificar o trabalho pedagógico.
---	---	--	---	----------------------------	--

			<p>alunos.</p> <p>Obs.: Os adultos (pais, tios e velhos) auxiliarão no monitoramento e condução do trabalho pedagógico, bem como na transmissão destes saberes culturais junto às crianças.</p>		
<i>Objetivos específicos</i>					
<p>1.1 – Experimentar e aprender os jogos de rebatida/campo identificados na coleta de dados, que os adultos descreveram nas entrevistas, bem como brincadeiras que, apesar de não adentrarem nesta classificação, possuem importância histórica para a</p>	1	<p>Jogos de rebatida/campo: Bete</p> <p>Outros: amarelinha, passar anel e caiu no poço.</p>	<p>Tempo pedagógico: 01 intervenção de 2 h.</p> <p>Espaço físico: Rua Joaquim Pereira Cardoso com a Rua Joaquim Pires de Miranda – Hidrolândia/GO</p> <p>Materiais pedagógicos: Bolas, tacos e anezinhos.</p> <p>Sequência didática:</p> <p>1º passo: organizar os espaços em que serão</p>	<p>Cooperação, disciplina e participação.</p>	<p>Dimensões avaliadas: instrucional, disciplinar e de hábitos e valores.</p> <p>Instrumento: ver tabela de formalização da avaliação .</p>

cultura infantil deste município.			<p>realizadas as atividades em estações e dividir os adultos para que fiquem em cada uma delas para auxiliar no processo de ensino aprendizagem.</p> <p>2º passo: reunir as crianças em um círculo na calçada do casarão e explicar o jogo de rebatida campo que será trabalhado e os outros jogos/brincadeiras a serem ensinados nesta intervenção. Dividi-las em subgrupos para cada estação e explicar/organizar a dinâmica de circuito que será utilizada para passar por cada estação, possibilitando aos monitores realizarem o processo de transmissão cultural dos jogos e brincadeiras desta intervenção.</p>		
-----------------------------------	--	--	--	--	--

			<p>3º passo: Explicar as regras de convivência acordadas coletivamente com relação a violência (física e verbal).</p> <p>4º passo: Iniciar o rodízio pelas atividades e mediar o processo de ensino aprendizagem junto às crianças e adultos.</p> <p>5º passo: avaliar, tomando por referência a tabela construída, a aprendizagem dos jogos e brincadeiras por parte das crianças.</p>		
1.2 – Experimentar e aprender os jogos de alvo identificados na coleta de dados, que os adultos descreveram nas entrevistas, bem como brincadeiras que, apesar de não adentrarem nesta		<p>Jogos de Alvo: Queimada (simples, equipe e americana); Paredão</p> <p>Outros: baliza e pula corda.</p>	<p>Tempo pedagógico: 01 intervenção de 2 h.</p> <p>Espaço físico: Rua Joaquim Pereira Cardoso com a Rua Joaquim Pires de Miranda – Hidrolândia/GO</p> <p>Materiais pedagógicos: Bolas, pedras e cordas</p>	Cooperação, disciplina e participação.	<p>Dimensões avaliadas: instrucional, disciplinar e de hábitos e valores.</p> <p>Instrumento: ver tabela de formalização da avaliação .</p>

<p>classificação, possuem importância histórica para a cultura infantil deste município.</p>	2		<p>Sequência didática:</p> <p>1º passo: organizar os espaços em que serão realizadas as atividades em estações e dividir os adultos para que fiquem em cada uma delas para auxiliar no processo de ensino aprendizagem.</p> <p>2º passo: reunir as crianças em um círculo na calçada do casarão e explicar os jogos de alvo que serão trabalhados e os outros jogos/brincadeiras a serem ensinados nesta intervenção. Dividi-las em subgrupos para cada estação e explicar/organizar a dinâmica de circuito que será utilizada para passar por cada estação, possibilitando aos monitores realizarem o processo de transmissão</p>		
--	---	--	--	--	--

			<p>cultural dos jogos e brincadeiras desta intervenção.</p> <p>3º passo: Explicar as regras de convivência acordadas coletivamente com relação a violência (física e verbal).</p> <p>4º passo: Iniciar o rodízio pelas atividades e mediar o processo de ensino aprendizagem junto às crianças e adultos.</p> <p>5º passo: avaliar, tomando por referência a tabela construída, a aprendizagem dos jogos e brincadeiras por parte das crianças.</p>		
1.3 – Experimentar e aprender os jogos de rede parede identificados na coleta de dados, que os adultos descreveram nas		<p>Jogos de rede parede: Peteca.</p> <p>Outros: Barra manteiga, Barra Salve</p>	<p>Tempo pedagógico: 01 intervenção de 2 h.</p> <p>Espaço físico: Rua Joaquim Pereira Cardoso com a Rua Joaquim Pires de Miranda –</p>	Cooperação, disciplina e participação.	<p>Dimensões avaliadas: instrucional, disciplinar e de hábitos e valores.</p> <p>Instrumento: ver tabela de formalização da</p>

<p>entrevistas, bem como brincadeiras que, apesar de não adentrarem nesta classificação, possuem importância histórica para a cultura infantil deste município.</p>	<p>3</p>	<p>Latinha, pique pega.</p>	<p>Hidrolândia/GO</p> <p>Materiais pedagógicos: petecas, latas e pipas</p> <p>Sequência didática:</p> <p>1º passo: organizar os espaços em que serão realizadas as atividades em estações e dividir os adultos para que fiquem em cada uma delas para auxiliar no processo de ensino aprendizagem.</p> <p>2º passo: reunir as crianças em um círculo na calçada do casarão e explicar o jogo de rede parede que será trabalhado e os outros jogos/brincadeiras a serem ensinados nesta intervenção. Dividi-las em subgrupos para cada estação e explicar/organizar a dinâmica de circuito que será utilizada para passar</p>	<p>avaliação .</p>
---	----------	-----------------------------	--	--------------------

			<p>por cada estação, possibilitando aos monitores realizarem o processo de transmissão cultural dos jogos e brincadeiras desta intervenção.</p> <p>3º passo: Explicar as regras de convivência acordadas coletivamente com relação a violência (física e verbal).</p> <p>4º passo: Iniciar o rodízio pelas atividades e mediar o processo de ensino aprendizagem junto às crianças e adultos.</p> <p>5º passo: avaliar, tomando por referência a tabela construída, a aprendizagem dos jogos e brincadeiras por parte das crianças.</p>		
1.4 – Experimentar e aprender os jogos de invasão/alvo		Jogos de	Tempo pedagógico: 01 intervenção de 2 h.		Dimensões avaliadas: instrucional, disciplinar

<p>identificados na coleta de dados, que os adultos descreveram nas entrevistas, bem como brincadeiras que, apesar de não adentrarem nesta classificação, possuem importância histórica para a cultura infantil deste município.</p>	4	<p>invasão/alvo: Golzinho, biloca, triângulo.</p>	<p>Espaço físico: Rua Joaquim Pereira Cardoso com a Rua Joaquim Pires de Miranda – Hidrolândia/GO</p> <p>Materiais pedagógicos: Bolas, bilocas e finca.</p> <p>Sequência didática:</p> <p>1º passo: organizar os espaços em que serão realizadas as atividades em estações e dividir os adultos para que fiquem em cada uma delas para auxiliar no processo de ensino aprendizagem.</p> <p>2º passo: reunir as crianças em um círculo na calçada do casarão e explicar o jogo de invasão/alvo que serão ensinados nesta intervenção. Dividi-las em subgrupos para cada estação e explicar/organizar a dinâmica de circuito que</p>	<p>Cooperação, disciplina e participação.</p>	<p>e de hábitos e valores.</p> <p>Instrumento: ver tabela de formalização da avaliação ..</p>
--	---	---	--	---	---

			<p>será utilizada para passar por cada estação, possibilitando aos monitores realizarem o processo de transmissão cultural dos jogos e brincadeiras desta intervenção.</p> <p>3º passo: Explicar as regras de convivência acordadas coletivamente com relação a violência (física e verbal).</p> <p>4º passo: Iniciar o rodízio pelas atividades e mediar o processo de ensino aprendizagem junto às crianças e adultos.</p> <p>5º passo: avaliar, tomando por referência a tabela construída, a aprendizagem dos jogos e brincadeiras por parte das crianças.</p>		
--	--	--	--	--	--

ANEXO E

## Ficha de avaliação da aprendizagem - exemplo de jogos de rebatida campo e outros.

Aspectos Avaliados	Instrumentos Utilizados	Critérios Avaliados			
			Identifica/ COMPREENDE	INTERPRETA/ Explica	Vivencia/ Experimenta
Conceitos:  Jogos de rebatida/campo (bete), amarelinha, passar o anel e cair no poço.	<u>Questionário de perguntas (abaixo)</u>	1			
		2			
		3			
		4			
Habilidades/técnicas:	<u>Observação</u> : bete (lançamento da bola, rebatida da bola, corrida e contagem dos pontos)				
	<u>Observação</u> amarelinha (lançamento da pedra, saltos e forma de pegar a pedra no chão),				
	<u>Observação</u> passar o anel (tática para entrega do objeto, tática de blefe – enganar quem vai dizer com quem está o anel).				

	<u>Observação</u> caiu no posso (realização do canto e compreensão/realização das prendas).			
Valores e atitudes: respeito, participação, cooperação e disciplina)	<u>Observação</u>			
Potencialidades (comunicação, interação e criação, autonomia)	<u>Observação</u>			

**Siglas: sim (S), às vezes (AV) e nunca (N).**

**Questionário:**

1. Quais os nomes dos jogos e brincadeiras realizados hoje? Qual o objetivo de cada um deles? Explique as técnicas/movimentos que utilizou para atingir o objetivo destes jogos e brincadeiras? Quais foram os mais eficientes?
2. Quais os principais dificuldades/problemas que enfrentou para vivenciar/aprender estes jogos e brincadeiras? Como poderíamos solucionar estes problemas?
3. O que gostaria de mudar nestes jogos e brincadeiras que aprendemos hoje para torná-los mais “divertido”?

